

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO-PRPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPGEL  
MESTRADO EM LITERATURA

DENISE BONFIM OLIVEIRA

**AUTOFICÇÃO E MEMÓRIA EM *K. -RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES*, DE BERNARDO KUCINSKI.**

TERESINA-PI

2018

DENISE BONFIM OLIVEIRA

**AUTOFIÇÃO E MEMÓRIA EM *K. -RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES*, DE BERNARDO KUCINSKI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito parcial para aprovação no Mestrado em Literatura. Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Margareth Torres de Alencar Costa.

TERESINA-PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

O48a Oliveira, Denise Bonfim.  
Autoficção e memória em K. -relato de uma busca e os visitantes, de Bernardo Kucinski / Denise Bonfim Oliveira. – 2018.  
87 f.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa.  
1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Ditadura Militar - Brasil. 3. Autoficção - Memória. I. Kucinski, Bernardo.  
II. Título.

CDD B869.3

*“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.”*

Tendo em mente que o não poder ver não impede o amar, dedico essa pesquisa à minha avó paterna, Dorotéa Bomfim e à minha sempre amiga, Jessyca Caroline, cujas partidas só não foram maiores do que a imensa felicidade de poder tê-las em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos momentos em que a oração e fé foram maiores e mais fortes do que qualquer desânimo no decorrer desse período.

À minha família, em especial minha mãe Odélia, sempre incentivando a procura por um futuro melhor, vislumbrando minha independência; grata por ser minha melhor amiga e conselheira; ao meu pai Everardo e meu irmão Elder, pelo incentivo constante aos trabalhos e estudos, amo vocês! Às minhas avós e tios, sempre preocupados com a educação dos netos e sobrinhos.

À Lanna Caroline, companheira muito além de sala de aula, pela motivação, conversas rotineiras, pelos estudos compartilhados, telefonemas, saídas, por sempre levantar meu astral. Por ter o melhor acervo literário, sempre pronto para servir aos amigos; por me deixar fazer parte da sua família e também estar junto à minha. Obrigada, amiga!

À minha orientadora, professora Margareth Torres, exemplo de profissional dedicada, por ter me acolhido desde a primeira procura, sempre animada e disciplinada, desculpe pelas falhas ao longo desse caminho.

À Universidade Federal do Piauí, por ter me permitido desfrutar da minha continuação da vida acadêmica e ter fornecido grandes mestres nessa turma de 2016. À Universidade Estadual do Piauí, por ser a acolhedora aos seus alunos mesmo após concluída a graduação.

A todos os amigos, Mário Quintana já dizia que “a amizade é um amor que nunca morre”, assim, sou agradecida por tê-los em minha vida, fazendo parte dos meus sonhos e compartilhando das minhas angústias, obrigada Lorena, Liziane, Dayene e Sara, meu quinteto da Uespi que nunca se diluiu; Marquiline, Lurdiane e Jonas, pelas conversas e energias positivas, à Priscila e Socorrinha, mesmo com a confusão do dia a dia, sempre dando força e torcendo; ao Lucas Vilarinho e Ivonildo, por me abrirem portas profissionalmente, obrigada pela confiança! Ao Herbert, Thiago Amorim, Luinaldo, Júlia Andrade, Bia, Thiago Felício, Alody, Sâmia, Magno, Keylane, Brito, Lúna, Ellen... presentes que só a UESPI poderia proporcionar. À Amanda e Rivanildo, pelo convite muito especial de celebrar a união e amor em meio ao turbilhão de normas e disciplinas da vida acadêmica. À minha prima Cris, por sempre dividir comigo as preocupações e alegrias da vida; Ao Pedro, pela amizade de trabalho ter se tornado uma amizade da vida, por me ouvir sempre! Ao Francisvaldo, cuja distância física é ínfima comparado às conversas diárias sobre a vida e o mundo. Aos colegas do cefet em geral. Vocês valem mais do que qualquer ouro! Aos meus colegas de mestrado, com quem tive o prazer de compartilhar ótimos momentos de conversas sobre a vida e a literatura, paixão

comum a nós. A todos que torceram, incentivaram e quiseram ver o fim dessa pesquisa, muito obrigada!

*“O prazer do texto é esse momento em que o meu corpo vai seguir suas próprias ideias- pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.” Roland Barthes*

*“O presente está povoado de ausências.” João Carrascoza*

*“Não se pode esquecer que a literatura tem a ambição de abalar as estruturas de representação, de ideias e sensibilidades do leitor.” Manuel da Costa Pinto*

## RESUMO

O presente estudo busca mostrar de que forma é construída a autoficção e como é elaborada a memória em *K.-relato de uma busca* e em *Os visitantes*, do escritor paulistano Bernardo Kucinski. O objetivo geral da pesquisa é analisar de que maneira a autoficção é representada nas obras citadas. *K.-relato de uma busca* discorre sobre a procura de um pai pela filha considerada “desaparecida” durante o regime militar estabelecido no Brasil durante os anos de 1964 a 1985. Já em *Os visitantes*, tem-se um encontro entre alguns dos leitores e personagens de *K.* e o autor-narrador da obra, fazendo-o refletir sobre a recepção da mesma, em uma espécie de autoanálise sobre episódios que foram narrados, suscitando lembranças surgidas após o livro ter sido publicado. Procurando responder a questionamentos: de que forma o luto e a dor são retratados nas obras? em *K.-relato de uma busca* e *Os visitantes* são narrativas autoficcionalis? A pesquisa é dividida em três capítulos: no primeiro, é apresentada a recepção de Kucinski como escritor de ficção a partir do lançamento de *K.-relato de uma busca*, assim como pesquisas já produzidas tendo essa obra como corpus. O segundo capítulo consiste na explanação das teorias que fundamentam a dissertação. No terceiro capítulo é realizada uma análise de *K.-relato de uma busca* e de *Os visitantes* tendo como foco a autoficção e memória apresentadas em ambas. A pesquisa é essencialmente bibliográfica e para embasamento teórico utilizamos Alberca (2006), Faedrich (2014), Halbwachs (1990), Pollak (1992), Ricoeur (2003; 2005), Le Goff (1990), Seligmann (1998; 2002; 2008) Dalcastagnè (1996), Freud (2011) e Ginzburg (2012). Ao fim, confirma-se a hipótese de que *K.-relato de uma busca* e *Os visitantes* se configuram como leituras autoficcionalis.

**Palavras-chaves:** *K.-Relato de uma busca. Os visitantes. Autoficção. Memória. Ditadura Militar. Kucinski.*



## ABSTRACT

The present work aims to show how autofiction is developed and how memory is elaborated in *K. – Relato de uma busca* and in *Os Visitantes*, both by Bernardo Kucinski, a writer from São Paulo. The main purpose of the research is to analyze in which form autofiction is represented in the works mentioned. *K. – Relato de uma busca*, discourses about the search of a father for his daughter considered “missed” during the military polity established in Brazil from 1964 to 1985. In “Os Visitantes”, it has a meeting of some of the readers and the characters of *K. –* and the author-narrator of the work, making him reflect about the reception of it, in a kind of autoanalysis about episodes which were narrated bringing back memories emerged after the publication of the book. Trying to answer a couple of questions: how mourning and pain are represented in the works? Are *K.-relato de uma busca* and *Os Visitantes* autofictional narratives? The research is structured in three chapters: in the first, it is showed the reception of Kucinski as a fiction writer, from the release of *K – Relato de uma busca*, as well as researches already produced having this work as a corpus. The second chapter consists in explain the theories which base the dissertation. In the third one, is done an analyze of *K.- Relato de uma busca* and *Os Visitantes* having as a focus the autofiction and memory presented in both works. The research is essentially bibliographic and for theoretical basement it was used Alberca (2006), Faedrich (2014), Halbwachs (1990), Pollak (1992), Ricoeur (2003; 2005), Le Goff (1990), Seligmann (1998; 2002; 2008) Dalcastagnè (1996), Freud (2011) and Ginzburg (2012). In the end, it is confirmed the hypothesis that *K.- Relato de uma busca* and *Os Visitantes* set up themselves as autofictional readings.

Keywords: *K – Relato de uma busca*. *Os Visitantes*. Autofiction. Memory. Military Dictatorship. Kucinski.

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** .....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1. Recepção de Bernardo Kucinski, *K.-relato de uma busca e Os visitantes* .....**ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

1.1 Recepção crítica de K.- relato de uma busca**ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

**2- A REPRESENTAÇÃO DA AUTOFICÇÃO EM K.-RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES**.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2.1- O testemunho na literatura.....**ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

2.2-A memória na história-caminhos cruzados**ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

2.3- Marcas de violência e a linguagem deo testemunho: a sombra do trauma e da dor .....**ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

**3. ANÁLISE DE K. - RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES- LIBERTAÇÃO E REENCONTRO** .....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

**REFERÊNCIAS**.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

## INTRODUÇÃO

Apesar de, aparentemente, a democracia brasileira está consolidada, nosso país sofreu um duro impacto no que diz respeito aos direitos humanos na década de 60 a 80, em uma época não muito distante da que estamos agora. Foi em 1964 que João Goulart tornou-se presidente do Brasil, a contragosto dos militares, que logo lhe tomaram o poder e instauraram o regime militar até meados de 1985, quando ocorreu a abertura política para a redemocratização. A ditadura militar que prevaleceu em nosso país desde o golpe sofrido por Jango até a eleição ainda indireta do democrata Tancredo Neves, deixou marcas indeléveis na sociedade que aquilo vivenciou, nos “filhos da ditadura” e até mesmo em órgãos de segurança pública, que ainda carregam em sua formação a repressão, tão comum naquele período.

Jornalistas, escritores, artistas, estudantes, políticos e outros tantos profissionais lutaram a favor daquilo que consideravam o ideal para uma sociedade justa e igualitária, ainda que, por vezes, a violência tenha sido a forma encontrada para essa tentativa de restabelecimento de um governo democrático. Após o início da transição governamental tão almejada, o governo militar foi diluindo-se e exilados políticos puderam, enfim, retornar ao país de origem. Muitos dos que tiveram seus direitos suprimidos sentiram a necessidade de compartilhar, informar e denunciar os horrores sofridos durante os “anos de chumbo”. Alguns, como o jornalista e escritor Fernando Gabeira (1941), escreveram as “memórias” do que passaram nesse período pouco tempo após seu regresso do exílio. Para outros, porém, a exemplo do jornalista Flávio Tavares (1934), o processo de assimilação e expressão das experiências tidas nessa época foi muito além do que a duração da ditadura instaurada: em sua “*Memória do esquecimento*” a resolução de publicar tudo aquilo que viveu, desde o início da repressão, a troca de prisioneiros políticos (incluindo ele próprio) por um embaixador estrangeiro, seu exílio e volta ao Brasil foram pontos refletidos durante 30 anos. Isso sem falar nas situações semelhantes a de Frei Tito, o qual não suportando conviver com as lembranças

dolorosas de seus torturadores, recorreu ao suicídio como alívio de suas angústias.

Mesmo após tanto tempo transcorrido, as marcas daquela época continuam fortes em nosso meio. A literatura de testemunho ganhou força durante a década de 90, alcançando o status gênero literário que se vê atualmente. Filmes que se correlacionam aos livros que tratam do assunto ou mesmo que abordam livremente a temática da ditadura foram produzidos; órgãos de justiça foram criados para tentar esclarecer e retificar fatos até hoje não admitidos e/ou colocados de forma errônea pelo governo para a sociedade da época. Se isso ainda ecoa no tempo presente, pode-se considerar que ainda há muito que ser lembrado, corrigido, reiterado, ser colocado em pauta sobre esse período sombrio da nossa história.

Como já dito, as feridas abertas provocadas pela ditadura vieram de forma e em tempos diferentes para as pessoas que vivenciaram mais intimamente aquele momento. A literatura de testemunho apareceu como instrumento de memória, recordação e desabafo dos que lutaram contra o governo predominante. Muitos dos textos testemunhais denotam a voz dos que não foram ouvidos ou, ainda mais, dos que foram silenciados prematuramente por se oporem aos ideais proclamados. Assim como em *O Diário de Anne Frank* (1947) e o testemunho de Primo Levi, *É Isto um homem?* (1947), títulos conhecidos pelo caráter político e social dominantes de um ciclo de guerra, obras que discorrem sobre os “anos de chumbo” retratam a história daquele que talvez tenha sido o período mais repressivo de um governo brasileiro. Alguns foram relatos vivenciados pelos próprios autores, tais como *Batismo de Sangue* (1982), de Frei Betto; outras mais utilizaram o contexto político do país como panorama para o enredo de suas narrativas.

A escolha de *K.-Relato de uma busca* como objeto de pesquisa se deu após um levantamento de obras literárias que tinham como teor a ditadura militar no Brasil, interesse advindo de pesquisa que realizei durante a época de graduação, tendo como enfoque o testemunho de Frei Betto, o qual relatava o auxílio dos freis dominicanos às organizações contrárias ao governo prevalente da década de sessenta até o ano de 1985.

Recém-completados cinco anos de sua publicação, muito já havia sendo discutido sobre essa obra de Bernardo Kucinski (1937), que estreava como escritor literário ante uma extensa carreira como jornalista. A estrutura do seu romance também era diferente de muitas das narrativas conhecidas quando pensamos em literatura de testemunho: *K.* é um livro de ficção, mas seu escritor instigava a imaginação do seu leitor ao afirmar que tudo ali relatado teria acontecido. Mesmo não sendo uma biografia, percebia-se uma livre inspiração em pessoas e fatos confirmadamente reais, assim sendo, se elaborava a autoficcionalidade da referida obra. Em 2016, a decisão de estudar *K.* ratificou-se quando Kucinski divulgou *Os visitantes*, cuja trama descreve as visitas de leitores e supostos personagens apresentados em *relato de uma busca* ao autor ficcional do *relato*. A junção das duas deu início ao corpus desse estudo.

Apesar da diversidade de obras que tem como cenário o governo brasileiro durante a ditadura, saber que ainda podemos aprender e refletir sobre a história de nosso país é sempre importante; também, reconhecer que mesmo se passando mais de cinquenta anos do fim da repressão político-militar no Brasil, ainda conseguimos presenciar resquícios daquela época

Mais do que dar voz aos que foram silenciados, a publicação de histórias como as estudadas nos fazem observar nossa sociedade, conhecida pela “memória curta” da população. Dessa forma, a permanente rememoração nos leva a um estado de alerta, necessário para que não mais ocorra esse tipo de degradação dos direitos civis e humanos.

A presente pesquisa tem como objetivo principal mostrar de que forma é elaborada a autoficção e como ocorre a construção da memória em *K.- relato de uma busca* e em *Os Visitantes*, ambas do jornalista e escritor Bernardo Kucinski (1937). A dissertação está estruturada em três capítulos: no primeiro expomos a recepção de Kucinski e de suas obras que, tendo vivido parte de sua vida exercendo o jornalismo, publicou textos voltados para essa temática e, somente com *K.* começa a abrir o caminho para a literatura, com traduções para outras línguas e aceitação positiva dos mais diversos veículos de comunicação, após isso, o autor passou a dedicar-se integralmente à literatura

de ficção. *Os visitantes* também mereceu destaque em jornais e revistas eletrônicas assim que lançado, em 2016. O capítulo é constituído por uma subseção onde o foco principal é elencar os estudos já realizados tendo K.-relato de uma busca como corpus principal, nessa parte, não há ocorrências de pesquisas com a segunda obra, talvez pelo caráter recente de publicação.

O segundo capítulo consiste no desenvolvimento de um marco teórico de autores que embasaram a análise posterior. Nele, começamos discorrendo sobre os aspectos principais que caracterizam um texto autoficcional, utilizando passagens das obras pesquisadas para exemplificar as marcas desse gênero, relativamente recente no meio acadêmico. *K.-relato de uma busca* (2014) veio como forma de Kucinski (1937) homenagear a memória da irmã, Ana Rosa, 'desaparecida' política durante a ditadura que teve início em 64, assim, fatos verídicos e pessoas reais auxiliaram o escritor na construção da narrativa, reafirmando em *Os visitantes* a inspiração em sua biografia para o desenvolvimento de sua obra: em determinado momento, autor, personagem e narrador personificam um só ser, provocando o imaginário do leitor. Para alicerçar nosso objetivo de mostrar a autoficção nas referidas obras contamos com Alberca (2006), Klinger (2006), Costa (2013) e Faedrich (2014).

Dando continuação a fundamentação teórica, no subcapítulo seguinte debatemos o testemunho na literatura: a partir de *eventos catástrofes* ocorridos na história da humanidade, nasce também a necessidade de expressar o horror vivenciado, ou mesmo representar a voz do que foi silenciado. Kucinski (1937), teve a irmã e o cunhado combatentes na luta contra a ditadura, ambos desaparecidos e considerados mortos pelo regime militar. Logo, materializar e contar a história de Ana Rosa Kucinski, mesmo que de forma ficcional, possibilitou ao escritor o conhecimento social daqueles que ignoravam essa parte de sua biografia e a vida e morte de sua irmã. Diante disso, apoiamo-nos em Seligmann (1998;2002), De Marco (2004), Nastrovski (2004) e Klein (2010) para um diálogo sobre a literatura de testemunho.

Adiante, ao comentarmos sobre história e memória, observamos que ambas se relacionam intrinsecamente com a identidade de um povo.

Conhecendo a história dos que nos antecederam conhecemos também a nossa própria história; a memória que carregamos e nos é passado tornam-se essenciais para confrontarmos passado e presente. Enquanto que em *K.-relato de uma busca* acompanhamos o pai à procura da filha, somos também conduzidos às suas memórias do passado, marcado pelo trauma da guerra e fuga da terra natal; em *Os visitantes* o narrador-personagem expõe as suas lembranças na produção de *K.*, constantemente recriminando-se pelo passado afastado da irmã morta. A fim de subsidiar esse subcapítulo nos respaldamos em Halbwachs (1990), Le Goff (1990) Pollack (1992) e Ricoeur (2003; 2005).

Na última subseção desse capítulo apresentamos o trauma e a dor que envolvem narrativas como as pesquisadas. O luto do pai em *relato de uma busca* é primeiramente impedido pelo fato de não ter o corpo da filha para um ritual fúnebre, ainda mais, a dor lhe é imposta de diferentes maneiras: através de falsas informações sobre o paradeiro da filha, reavivando a esperança quando esta está prestes a ser perdida; nas lembranças das vezes que abdicou de uma relação mais próxima com a filha para dedicar-se ao estudo de sua língua materna e à reuniões com os amigos. A cada passo que percorre o sofrimento e angústia o polonês. Em *Os visitantes*, o narrador-personagem é atormentado a todo instante por aquilo que escreveu e pelo que deixou de escrever, quem lhe visita traz consigo histórias que ele desconhecia, momentos em que a dor presente em seus leitores e personagens criam uma fronteira com a dele próprio. Freud (2011) Dalcastagnè (1996), Seligmann (2002), Pellegrini (2005), Schollhammer (2000) e Ginzburg (2012) corroboram com o objetivo aqui sugerido.

No terceiro capítulo realiza-se uma análise de *K-relato de uma busca* e *Os visitantes*, associando-os à teoria comentada, através disso, conseguiremos perceber de que forma ocorrem relações de autoficção dentro das obras, a construção da memória nos personagens e a dor marcando os protagonistas das narrativas, para tanto, foram utilizados trechos dos romances de Kucinski, exemplificando e comprovando a hipótese de *K. relato de uma busca* e *Os visitantes* serem textos autoficcionalis. Ao fim da dissertação as considerações finais sobre o estudo serão expostas. O estudo é de caráter bibliográfico, tendo

como fontes de pesquisa: livros teóricos, artigos, teses, dissertações, arquivos e sites encontrados na internet, além de reportagens e entrevistas diversas.



## **1 RECEPÇÃO DE BERNARDO KUCINSKI, K. –RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES**

O caminho de um escritor literário nem sempre segue linhas retas no que diz respeito a sua “arte final”: a palavra escrita. Muitos se desviam de assuntos ou temas que predominam em sua mente para que, somente algum tempo depois (vide exemplos já citados) darem início às histórias guardadas. O objetivo desse capítulo é mostrar que, apesar do autor das obras escolhidas para nosso estudo ter sofrido essa intercorrência, manifestando-se primeiramente na área jornalística, conseguiu colocar-se na literatura brasileira, provocando o interesse da crítica, de acadêmicos e leitores em geral na discussão de sua obra literária inaugural: *K.-relato de uma busca*.

Bernardo Kucinski nasceu em São Paulo, em 1937; é jornalista, escritor e cientista político; foi professor da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Comunicações e Artes e assessor especial de comunicação do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, durante o seu primeiro mandato como presidente do Brasil, nos anos de 2003 a 2006. Dentre suas publicações atuando como jornalista Kucinski abordou temas relacionados aos cargos e profissões que já exerceu: lançou *Jornalismo Econômico* (1996), ganhador do prêmio Jabuti na categoria economia daquele ano, *A síndrome da antena parabólica* (1998) e *Jornalistas e Revolucionários* (1991) são alguns dos títulos que enfatizam sua atuação no jornalismo. Porém, seu reconhecimento na literatura só veio a partir de *K.-relato de uma busca*, lançado em 2011; *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014) e *Os visitantes* (2016) completam suas escritas na área da ficção.

*K.-relato de uma busca* teve sua primeira edição em 2011, pela Expressão Popular; em 2013 foi reeditado pela já extinta Cosac Naify e, mais recentemente, foi relançado pela Companhia das Letras, obtendo boa recepção crítica. Teve duas edições esgotadas e foi traduzido para o alemão, inglês e espanhol, com previsão para edições em hebraico e italiano; além de ter concorrido a prêmios como o Portugal Telecom e SP de Literatura. A história remete a caminhada de um pai à procura da filha e tem inspiração no

desaparecimento da professora de química Ana Rosa Kucinski, irmã do escritor. Cozer (2014, n.p.) ao promover crítica sobre a primeira obra literária de Kucinski observou que:

Um diferencial do romance foi sua temática: um pai em busca da filha desaparecida nos anos de repressão, recriação de um trauma familiar de Kucinski, cuja última notícia da irmã foi sua prisão pelos militares, em 22 de abril de 1974, em São Paulo. No ano em que se completa meio século do golpe de 1964, com as livrarias recebendo diversas obras de não ficção a respeito da ditadura, "K." e "Você Vai Voltar pra Mim e Outros Contos" são raros exemplos da produção ficcional feita hoje no país sobre traumas daquele período.

A colunista fala que, apesar de bem diversificadas, as publicações brasileiras sobre esse período ainda são “moderadas” em relação aos países vizinhos que também enfrentaram a ditadura militar, a exemplo do Chile e Argentina. Em *K.* é possível verificar dois períodos históricos, ainda hoje constantemente lembrados e discutidos sempre que se fala em perda dos direitos humanos: a ditadura militar, ocorrida em quase todos os países pertencentes à América Latina; e a Segunda Guerra Mundial, onde o nazismo proclamado por Hitler vitimou milhares de pessoas.

Para Reis (2015, n.p.) *K.-relato de uma busca* não é somente um romance pautado durante a ditadura militar, mas também uma reflexão sobre o costume brasileiro de tentar minimizar períodos sombrios de nossa história, fazendo com que se tornasse comum, por exemplo, a nomeação de ruas e avenidas com nomes conhecidos de generais que atuaram violentamente durante o regime militar. O canal de notícias alemão Deutsche Welle Brasil comentou o interesse dos editores alemães pelo romance; mesmo diante de um vasto acervo com a temática abordada por Kucinski, *K.* foi traduzido para o alemão e lançado durante a feira literária de Frankfurt, em 2013; a apreciação do noticiário relata que:

De acordo com a jornalista da rádio pública alemã SWR (Südwestrundfunk), Eva Karnofsky, "ele [Kucinski] não se coloca apenas no lugar das vítimas, mas se preocupa com todo o ambiente que rodeia os personagens e tenta descobrir porque pessoas se dispõem a colaborar com uma ditadura". "É uma história comovente sobre um capítulo obscuro da história brasileira", descreve.

Em entrevista para a mesma rádio, Kucinski disse haver uma sensibilidade do povo alemão por serem mostrados em *K.* muitos elementos

que remetem ao judaísmo e também pelo fato da repressão militar assemelhar-se ao que os judeus viveram sob o comando de Hitler: uma atmosfera de “vigilância e opressão”.

Em matéria para a BBC Brasil<sup>1</sup>, Vasconcelos (2013) trouxe a recepção de *relato de uma busca* em outros países; intelectuais envolvidos na publicação da obra no exterior observaram que o romance revela para o mundo o drama humano por trás de um período violento. O editor do livro na Alemanha, Nitsche (2013) conta que o interesse por *K.* partiu do desconhecimento de que, no Brasil, houve episódios envolvendo sequestros e desaparecimentos de militantes políticos, associando essas situações apenas aos nossos vizinhos latinos. Além disso, a forma como Kucinski abordou a temática foi considerada inédita: vários ângulos de uma mesma história e, ao mesmo tempo, várias histórias independentes da principal.

A estreia de Kucinski na literatura também despertou a atenção da imprensa inglesa, Payne (2013,n.p.), especialista em justiça da Universidade de Oxford, constatou que a relação entre o passado do pai, caracterizado também pela luta armada, a violência do período nazista e a vida militante da sua filha; face até então desconhecida por ele, se torna um convite para a leitura de *relato de uma busca*. Para a especialista, o lançamento do livro de Kucinski em terras estrangeiras serviria como instrumento político para mudanças; ela analisa que o relato: “É importante porque aumenta a consciência, no exterior, das violações aos direitos humanos ocorridas no Brasil durante a ditadura militar e faz crescer a pressão sobre o governo brasileiro para que faça algo a respeito”.

A estudiosa reflete que há um desinteresse por parte dos brasileiros em relação à história da ditadura militar de nosso país; segundo ela, uma atenção maior viria através de uma rememoração desse período, do julgamento dos responsáveis pelos crimes; de uma valorização de uma imagem mais “positiva” das vítimas e até mesmo da transição para outros meios de comunicação, como filmes.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida à jornalista Mônica Vasconcelos para a BBC Brasil em Londres.

A versão em hebraico de *K.* foi intermediada pelo historiador israelense Avraham Milgram, amigo do pai de Kucinski. De acordo com ele, a razão para o sucesso do livro se deve ao tema considerado universal: a dor de um pai diante do desaparecimento de um filho. Para Milgram, a obra de Kucinski atingiria mais o público judeu que o europeu, por tratar de nuances já conhecidas por esse povo: as feridas de um período violento e a cultura ídiche, a qual muitos judeus que vivenciaram o nazismo faziam parte. Ele observa que o pai de Kucinski, em sua devoção a esse costume perdido, acabou criando um distanciamento dos filhos: "Isso talvez tenha facilitado a escolha de Ana Rosa pelo caminho que seguiu", reflete o historiador.

O lançamento de *Os visitantes* deu-se após cinco anos da publicação de *K.-relato de uma busca*. Kucinski (2016) retrata na novela o autor-narrador de *K.*, que é também personagem do enredo. Na obra, ele recebe a visita de leitores e personagens representados na narrativa, alguns desses se reconhecem no romance e decidem contestar o escritor sobre sua versão dos fatos, refutando a falta de provas que confirmem situações descritas no relato, conduzindo o autor a considerar ajustes para uma próxima versão do texto, admitindo equívocos em determinadas informações. Tardivo (2016, n.p.) ao contrastar *K.* com a novela, reflete que:

Enquanto não formos capazes de dar nomes aos nossos traumas, jamais iremos superá-los. Por isso, eles precisam ser sempre lembrados – em vez de banalizados. Com efeito, se a verdade, em sua multiplicidade, se (re) constrói enquanto ficção, o perspectivismo ficcional de B. Kucinski é uma aula de História.

Enquanto se há a possibilidade de mudanças naquilo que foi escrito na primeira versão do romance, também continua a luta de Kucinski pela verdade na História, ainda que nosso país ainda lide com o trauma provocado pela ditadura militar de forma ainda incoerente: “Como apostamos na cicatrização da ferida que sequer foi totalmente assumida?”, questiona o autor de *relato de uma busca*.

Para a revista Istoé (2016, n.p.) a indagação a respeito do trauma reflete nos pais de Kucinski: Majer Kucinski fora, assim como a filha, militante e preso político na Polônia, um passado que ele buscou esquecer se dedicando ao estudo da sua língua materna, se distanciando, dessa forma, da situação de

risco pela qual a filha estava passando, ainda que em circunstâncias diferentes das passadas em sua na juventude:

A reprimenda do pai tem, no fim das contas, sentido para os dois. “Não vimos o que estava acontecendo e num dos últimos encontros com ela, quando vim ao Brasil a trabalho, ela me advertiu dizendo que eu deveria tomar cuidado porque estavam atrás de mim. Foi perverso porque em vez de eu perceber que ela corria perigo de vida, ela veio me advertir.” (KUCINSKI, 2016).

A mãe de Kucinski também sofrera silenciosamente ao saber que sua família havia sido dizimada, possivelmente nos campos de concentração alemães: “Um trauma silenciado em casa, uma carga emocional represada. Afinal, era preciso viver, mesmo à sombra desse fantasma.” (Istoé, 2016, n.p.). Sendo assim, ao comentar sobre o lançamento de *Os visitantes* (2016) a revista colocou em pauta um “acerto de contas” da novela com o romance *K.*, onde a primeira propõe reflexões do autor a partir de novas informações levadas pelos leitores e personagens.

Segundo Lucchese (2016, n.p.) a publicação de *Os visitantes* coloca em pauta a dificuldade de se discutir o regime pós-1964, além de se levantar questões éticas ao se produzir ficção a partir de fatos e pessoas reais. Os jornalistas também sugerem que, apesar de poder ser lida de forma independente, a obra acaba incentivando uma leitura ou releitura de *relato de uma busca*.

Kucinski (2016, n.p.) comenta as diferenças no processo de escrita de *K.-relato de uma busca* (2014) e *Os visitantes* (2016): enquanto o primeiro foi escrito de ‘uma vez só’, caracterizando a urgência de se colocar no papel o que há muito tempo havia guardado em si, o segundo veio após a publicação de *K.*, sendo uma espécie de reflexão vinda também de situações contestadas por leitores da primeira obra.

No subcapítulo adiante apresentaremos discussões e pesquisas já desenvolvidas tendo *K.-relato de uma busca* como foco principal, subtraindo da narrativa, diferentes aspectos a serem explorados.

## 1.1 RECEPÇÃO CRÍTICA DE *K. - RELATO DE UMA BUSCA*

Cinquenta anos depois da ditadura militar no Brasil ter sido perpetrada, obras de teor testemunhal surgem a todo o momento, sejam elas ficcionais ou não. Apesar de Kucinski ter iniciado sua carreira na ficção recentemente, um relativo número de pesquisas já fora desenvolvido tendo a narrativa de *K.-relato de uma busca* como foco principal. Além do objeto de estudo em comum, a maior parte dos escritos conduz uma investigação a respeito do trauma provocado pela violência presente no governo daquela época.

Cruz (2017) em tese sobre o luto, culpa e narração na literatura pós-ditatorial, produziu um estudo comparativo entre *K.-relato de uma busca* (2011) e *Não Falei* (2004), da escritora Beatriz Bracher. Com temáticas semelhantes, os relatos reconstróem o passado a partir do tempo presente, permitindo uma tentativa de “elaboração da experiência traumática” (CRUZ, 2017, p.09) por parte daqueles que sobreviveram à repressão naquele período, abordando questões relativas ao luto e à culpa que as personagens sentiam. A pesquisadora também expõe o aspecto crítico das obras em relação às violências ocorridas no contexto analisado, assim como a procura dos escritores por uma reparação do governo em favor daqueles que foram acusados de subversão pelos militares:

[...] a partir desse recuo temporal da narração, o autor demonstra que as formas de reparação a que se propõe o estado brasileiro apenas intensificam a culpabilização individual e familiar e de alguma forma retiram a esfera do público, do coletivo e do debate real da história. (CRUZ, 2017, p.174)

A reparação oferecida pelo Estado foi realizada a partir de indenizações pagas às famílias de desaparecidos e mortos, considerada por muitos uma forma rápida de se ‘enterrar’ também os casos, colocando a família como “cúmplice” do modo como o nosso país ainda lida com seu passado histórico. Essa ‘política da amnésia’, suscitada pela estudiosa, mostra o interesse para que o desconhecimento de parte da população a respeito de torturas e mortes acontecidas na ditadura prevaleça (CRUZ, 2017, p.175).

Conforme pesquisa de Itaqui (2015) a violência com que o estado agia durante a ditadura militar propiciou um trauma social e individual; esse último,

vivenciado pelas pessoas que sofreram diretamente com a repressão e o desaparecimento de familiares. Diante disso, a autora propõe através da teoria psicanalítica, indagar as prováveis formas de transmissão e de linguagem do traumático, para isso, recorre a testemunhos sobre a vida de Ana Rosa Kucinski, além de observar na narrativa *de K.-relato de uma busca* uma forma de encarar “o sem forma, imposto pela violência” (ITAQUY,2015, p.08). A estudiosa frisa que:

A escrita demarca uma possibilidade de contar (se), recontar (se), reverter, subverter, criar. Uma posição possível diante do traumático imposto pela violência e uma garantia de modos de transmissão e de visibilidade das lacunas, dos restos e dos rastros. Assim, através do viés utópico, acreditamos que a escrita abre brechas para falarmos do campo do irrepresentável, nomeando como podemos o que falha e falta, propiciando-lhe ressignificações (ITAQUY, 2015, p.75).

A impossibilidade que Ana Rosa e de muitos outros desaparecidos políticos tiveram de defenderem-se e expressar seu descontentamento com o governo predominante, assim como o trauma que muitos sobreviventes apresentaram como resultado das violências pelas quais passaram, obtiveram na literatura um suporte para dar voz aos que foram silenciados. A escrita, assim, funcionou não só como meio de denúncia, mas também como espaço para elaboração do sujeito (ITAQUY,2015, p.75), propiciando a representação daquilo que é impossível esquecer.

Segundo Antonioli (2016), a literatura contemporânea reflete em si acontecimentos e elementos da cultura da qual fala; a partir disso, a política exerceria papel importante, particularmente se pensarmos no regime de exceção que ocorreu na maioria dos países da América Latina. Dessa maneira, a pesquisadora realiza um comparativo entre *El fin de la historia* (2010) e *K.-relato de uma busca* (2011), com o objetivo de descrever os efeitos das ditaduras argentina e brasileira, instauradas entre a década de 1960 e 1980, e seus efeitos na literatura dos dois países, discutindo as características, a forma textual e o seu valor documental de denúncia dos excessos cometidos por tais regimes. Ao falar das personagens das narrativas, que possuíam uma “venda” lhes encobrindo a realidade dos países em que viviam, ela expressa que:

[...] no livro *K.-relato de uma busca*, tanto a personagem K. como sua filha sofrem de miopia. A menina tem miopia física, já o pai só enxerga aquilo que lhe é cômodo. Por muitos anos K. convivia com

seus vizinhos e prestadores de serviços, olhando sem enxergar como realmente eram. Com a filha acontecia a mesma coisa, ele a via, conversava com ela, porém não a enxergava como ela realmente era. Quando Ana Rosa desaparece, é como se fossem impostos na face óculos para míopes. (ANTONIOELLI, 2016, p.07)

Dedicado à cultura da qual fazia parte, K. não era muito próximo de sua filha, tinha apreço à vizinhança judaica e contato com notícias a respeito da ditadura e dos 'desaparecimentos' que começavam a acontecer, porém somente ao constatar esse fato acontecendo com a própria filha é submetido à revelação que custou a descortinar.

Para Saçço (2016) a literatura tem um olhar diferenciado sobre o passado; com esse pensamento, a autora discorre sobre *K.-relato de uma busca* e o relaciona a depoimentos de mulheres que resistiram à ditadura militar no Brasil. Em seu estudo, a pesquisadora mostra como a literatura concebe imagens de violência contra o corpo e a mente e, de que forma as pessoas constroem os traumas que sofreram nessa época (SAÇÇO, 2016, p.07). De acordo com ela:

Não foram as sequelas físicas as únicas marcas deixadas pela tortura: as sequelas psicológicas acompanham as vítimas até os últimos dias de suas vidas. Algumas delas se põem a falar e dessa forma cooperam para que o sofrimento perca a força, e o trauma ganhe representação no campo do simbólico. Em outras palavras, as narrativas são único meio do sobrevivente enfrentar o passado traumático e elaborá-lo. (SAÇÇO, 2016, p.37)

Sendo assim, as narrativas estudadas em nossa pesquisa compõem parte das lembranças de Kucinski, que mesmo não tendo sido alvo direto da ditadura, como ocorre com muitos dos que escrevem suas memórias testemunhais, teve parte de sua vida tomada pelo trauma de ter uma irmã assassinada e nunca encontrada. Sua escrita foi a forma de compartilhar sua memória individual, colocando-a a um âmbito coletivo, a partir de obras autoficcionais.

Lessa (2014, p.184) ao discorrer sobre *relato de uma busca* coloca que este tem como matéria prima principal a literatura, mesmo que a narrativa disponha de eventos e nomes reais em sua construção: “Apesar da força arrebatadora da matéria que lhe deu origem, o leitor em momento algum terá a ilusão e que não se trata de literatura. A tensão entre testemunho/denúncia e literatura fica bem-posta- e esclarecida [...]”. A dicotomia realidade-ficção acaba



por ganhar ares de complementaridade na busca do pai pela filha desaparecida; por fim, o autor acaba por considerar *K.* uma obra que fala do abismo sob o signo da realidade, já que a angústia de não ter notícias concretas da filha, após inúmeras pistas confusas e enganosas, delinearam o que o pai do autor e da professora passou.

No próximo capítulo, colocaremos a teoria que subsidiará o estudo da autoficção em *K.-relato de uma busca* e em *Os visitantes*. Para isso, contaremos com Alberca (2006), Klinger (2006) Costa (2013) e Faedrich (2014). Ainda, veremos como o testemunho se faz presente na literatura, amparados em Ginzburg (2012) e Seligmann (2002), entre outros autores.

## **2 A REPRESENTAÇÃO DA AUTOFICÇÃO EM *K.-RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES***

Ao nos depararmos com alguma narrativa que mescla acontecimentos reais com ficção, surge sempre a interrogação referente ao divisor dos dois gêneros. Afinal, escrever em primeira pessoa relatos de uma vida, garantiria o enquadre na chamada autobiografia; no entanto, o surgimento de novos gêneros começou a abranger como agora é conhecida a autoficção.

O presente capítulo tem como objetivo principal discorrer acerca das teorias propostas para a autoficção, gênero literário em ascensão no meio acadêmico. Através dele procuraremos embasar a análise posterior das obras pesquisadas, observando sua ocorrência nas narrativas discutidas.

O termo autoficção foi primeiramente criado pelo escritor francês Serge Doubrovsky (1977), a partir de uma indagação feita pelo também francês Philippe Lejeune (2008), que questionava a possibilidade do autor de uma narrativa possuir nome idêntico ao protagonista por ele criado. Há de se atentar para as contribuições de Lejeune para o que, até então, era considerado um gênero literário de “menor” estudo: a autobiografia. Para o escritor (2008, p.26) o pacto autobiográfico uniria numa mesma identidade nominal narrador, personagem e autor de um texto, produzindo assim um “contrato de leitura baseado no princípio da veracidade” (FAEDRICH, 2014, p.21), assim, conforme Doubrovsky, a autoficção seria uma narrativa totalmente autobiográfica, mas escrita de maneira ficcional.

Alberca (2006, p.1) ao considerar o pacto autobiográfico e a autoficção, coloca que essa se configura como uma história feita através de uma novela com características autobiográficas, tais como o nome do autor, narrador e personagem escritos de forma idênticas ou semelhantes. Kucinski (2014; 2016) se vale de nomes reais para estruturar a narrativa baseada em fatos verídicos de sua vida. O pai à procura da filha desaparecida é identificado apenas pela inicial K., o pai do autor chama-se Majer Kucinski; Ana Rosa, irmã do escritor e filha de Majer tem seu nome citado através de referentes: a filha, a professora, a colega de trabalho. Somente um indício de seu nome se aproxima ao verdadeiro: no capítulo onde uma carta supostamente escrita por Ana Rosa é

assinada ao final da correspondência por uma inicial: A. Ainda no diálogo com a amiga, o próprio Kucinski cita a si nas palavras da irmã: “O meu irmão agora que vestiu a camiseta de jornalista se acha o máximo, e que isso basta para proteger. Ainda bem que ele vai para a Inglaterra daqui a alguns meses”. (KUCINSKI, 2014, p.49)

Ao dialogarmos com a biografia do autor saberemos que, nos tempos de jornalista, ele atuou como correspondente do jornal *The Guardian*, no país britânico. Porém, essa comparação entre real e imaginário resultaria, segundo Alberca (2006, p.11) num duplo equívoco: “Nada menos autoficcional, que este tipo de comprobaciones orientadas a anular la ambigüedad de algunos de estos relatos’. Para o pesquisador, a autoficção:

Puede simular que una novela parezca una autobiografía sin serlo. En ambos casos la ambigüedad es de muy distinto calado. Efímera em el primero y más compleja y continuada em el segundo [...] la autoficción es una novela que simula un discurso autobiográfico; los lectores pueden, después de vacilar, optar por leerla em clave ficticia, pero sin ninguna seguridad, ya que em principio tampoco están em condición de afirmar que no sea autobiográfica (ALBERCA, 2006, p.7)

É o que percebemos em *K.*, mesmo buscando interagir com um texto ficcional, nos vemos em meio a constantes reflexões a respeito da veracidade dos fatos. Isso, na visão de Alberca (2006), faz parte de um dos propósitos da autoficção, que é o de romper as estruturas de recepção do leitor, provocando uma ambigüidade que o deixe em constante incerteza sobre o gênero que se tem em mãos.

Já para Costa (2013, p.31) ao estudar um texto a fim de verificar se o mesmo é uma autobiografia, o leitor tem de elucidar a proximidade que há entre um documento autobiográfico e uma ficção autobiográfica. Segundo a autora:

O limite entre os dois gêneros, autobiografia e autoficção não dependerá unicamente do saber do leitor que lê os textos escritos, mas da convicção que o poder da escritura transforma o escritor em autor e manda que ele escreva outra coisa além da que o seu eu havia pensado ou acreditou ter vivido (COSTA, 2013, p.37).

Sendo assim, determinar se um texto é ou não autoficcional passa pela percepção do leitor de que o escritor/autor tenha ultrapassado as fronteiras de acontecimentos reais relatados.

Barthes, ao refletir sobre o lugar que o autor ocupa em seu texto assevera que:

A escrita é a destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve. (2004, p.01)

A escrita de textos como o de Kucinski (2014;2016) ultrapassa a convicção do que se está sendo lido, não é possível a certeza da veracidade ou ficcionalidade dos episódios, assim como o lugar que o autor ocupa, ora misturando-se com a figura do próprio narrador e personagem:

No concurso literário de Brasília, a novela nem chegou a finalista. Passei a duvidar de mim mesmo e me senti incapaz de escrever, paralisado (...). Estava assim, em total mutismo literário, quando fui sacudido por toques insistentes do telefone. (KUCINSKI, 2016, p.53).

O autor do texto se coloca na história como sendo o próprio escritor da novela que é discutida e como narrador das visitas e pensamentos que se desenrolam na narrativa, situada no momento presente. Todavia, até se ter o entendimento preciso dessa “divisão”, uma possível confusão se verifica na mente do leitor. É a partir do pleno exercício da escrita que a identidade do autor é substituída pela sua “morte”, e é no seu destinatário que encontramos sua continuidade, o leitor é aquele que tem acesso aos pensamentos e limitações das personagens, é alguém sem ‘história, biografia, sem psicologia’ (BARTHES, 2004, p.05).

De acordo com Faedrich (2014, p.22) a autoficção, diferentemente da autobiografia, deve ser lida sempre no tempo presente, e não apenas como uma espécie de “recapitulação histórica” da vida do autor. Para ela: “O texto deve ser lido como romance, mesmo que exista a identidade onomástica entre autor, narrador e personagem principal”. (FAEDRICH,2014, p.22). A pesquisadora registra que:

O termo autoficção dará conta de explicitar esse jogo entre realidade e ficção, entre o que realmente aconteceu e o que poderia ter acontecido; o termo dará conta de desligar o leitor da noção de autobiografia e de convidá-lo para uma leitura marcada pela ambiguidade, pelo entre-lugar (entre autobiografia e romance), pela multiplicidade de práticas literárias, de personalidades e de verdades. (FAEDRICH, 2014, p.23).

Observamos esse “jogo” do ser e não ser nas narrativas estudadas, onde o próprio autor avisa ao leitor que quase tudo que será lido faz parte de uma ficção, apesar de tudo ter acontecido. Ele, dessa forma, encontra-se no decorrer da narrativa em um eterno dilema: afinal, trata-se de uma história real ou não passa de uma fantasia do autor? A própria advertência contida no prólogo poderia ser uma ficção? Já foi comentado que o leitor, mediante informações prévias sobre a biografia do autor, poderá argumentar a veracidade do que está sendo lido, porém isso seria um ato contra a autoficcionalidade do autor, pois conforme Faedrich (2014, p.23), essa ambiguidade é que de mais interessante o texto pode oferecer. Segundo um modelo comparativo usado pela autora, a autoficção é uma narrativa que vai da literatura para a vida, ao contrário da biografia, na qual situações da vida vão parar em um texto. Para a estudiosa:

A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido. (FAEDRICH, p.24, 2014).

Observamos essa quebra de linearidade em *relato de uma busca*, quando autor-narrador inicia seu texto a partir de sua fase adulta, tomado pela lembrança do nome da irmã em postagens recorrentes de empresas bancárias. Durante o romance, a permanência da memória dos personagens após o desaparecimento de Ana Rosa conduz o texto, com a infância ocasionalmente relembrada: “Eram poucas fotografias e apenas uma foto da filha criança, sentada ao lado do irmão do meio, ambos numa charrete infantil. Ela deveria estar com cinco ou seis anos, ele com dez ou onze, crescido demais para o tamanho da charrete” (KUCINSKI, 2014, p.115).

Doubrovsky (2011, p.26) citado por Faedrich (2014, p.25) destaca a hibridização de gêneros durante a experiência autoficcional, essa não seria limitada somente à prosa; exemplo disso pode ser visto em *Os visitantes*, onde uma carta e uma entrevista se fazem presentes como partes do processo narrativo do narrador-personagem.

Em busca de um maior aprofundamento para as terminologias elaboradas na autoficção, diversos autores buscaram ampliar conceitos que

auxiliariam para uma melhor compreensão das narrativas autoficcionais. Dentre esses teóricos está Vicent Colonna (1958), que classificou a fabulação de si em quatro tipologias: fantástica, biográfica, especular e intrusiva. (FAEDRICH, 2014, p.26); sendo a autoficção biográfica a que mais se aproxima de *K.-relato de uma busca* e de *Os visitantes*, pois conforme Colonna (2004, p.94) citado por Faedrich (2014, p.27) o escritor fabula sua existência a partir de dados reais, o leitor trataria isso como “um mentir-verdadeiro” para a construção da narrativa. Faedrich nos fala que: “Nem sempre o nome da personagem estará explícito na autoficção, mas a identidade onomástica estará ali, por meio do não-dito, o pacto é igualmente estabelecido, através do jogo e do uso de máscaras ficcionais” (FAEDRICH,2014, p.43)

Em *K.* isso já é visto no próprio título da narrativa, onde apenas a letra inicial da personagem é colocada e referenciada durante todo o texto, assim como o nome da filha procurada, ou mesmo de outras personagens, sempre nomeadas por alcunhas; com exceção da em *Os visitantes*, onde os personagens recebem nomes ficcionais, outros mais são identificados por nomes reais, a exemplo dos citados na conferência que resultou na demissão da professora. Para a pesquisadora:

A autoficção é antes de tudo uma manifestação adversa à ilusão do controle e de autocontrole. A escritura enquanto jogo autoficcional é aquela que não se pode conter. É aquela que nunca está lá, que não se deixa capturar, que está em constante movimento e transformação. Sempre que a retomamos e a vemos, já não é mais a mesma. É outra. A autoficção chama a atenção para essa linguagem que se manifesta autonomamente e, ao mesmo tempo, para o material biográfico do autor (que o utiliza como estratégia literária) (FAEDRICH, 2014, p.50).

Assim sendo, a escrita de uma narrativa autoficcional é caracterizada pela perda de controle do escritor e, quiçá, do leitor, sobre aquilo que é escrito e lido. É um constante achado de informações, tendo como contextos situações vividas pelo autor.

Klinger (2006.p.09) comenta que é através do pacto realizado entre leitor e autor, juntamente a indicadores presentes no texto, que se é determinado o modo de leitura mais apropriado a cada pessoa. Dessa forma, escolher entre ler um texto de forma ficcional ou autobiográfica está mais intrinsecamente ligado a tal pacto do que à estrutura textual. A autora sugere que obras não

totalmente classificadas em romance ou autobiografia não sejam colocadas sob um viés reducionista:

É precisamente essa transgressão de “pacto ficcional”, em textos que- no entanto- continuam sendo ficções o que os torna tão instigantes: sendo ao mesmo tempo ficcionais e auto (referenciais), estes romances problematizam a ideia de referência e assim incitam a abandonar os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção”. (KLINGER, 2006, p.10)

Os textos analisados em nosso estudo percorrem o que é exaltado pela pesquisadora: para quem lê o relato e, posteriormente, a novela, as marcas de autobiografia contidas em ambas fazem paralelo à ficcionalidade com que Kucinski (2014; 2016) ordena as histórias, provocando confusão em seu leitor e até mesmo nos personagens:

[...] ela tomara a carta como tendo sido realmente escrita pelo Rodriguez trinta anos atrás e encaminhada ao outro que estava em Paris. O Mateus, braço direito de Marighella, também! Incrível! Um texto que inventei da primeira à última linha! Pensei: como é possível [...] (KUCINSKI, 2016, p.44).

No fragmento acima, o narrador-personagem é tomado pelo espanto ao perceber que alguns leitores consideraram uma carta supostamente trocada entre dois militantes como sendo verídica, mesmo tendo sido apenas usada como parte de seu enredo. Essa constatação, colocada no pensamento do narrador-personagem poderia ser, até mesmo, uma reflexão do próprio Kucinski em relação às partes que suscitam um conflito entre real/ficcional abordados no relato.

Klinger (2006) observa que o fato de muitos romances atuais voltarem-se para a escrita a partir de uma experiência de vida do autor, entra em consonância com o sujeito acostumado a falar de si, compartilhando a própria vida em um nível coletivo: “Assistimos hoje a uma proliferação de narrativas vivenciais, ao grande sucesso mercadológico das [...] autobiografias e dos testemunhos” (KLINGER, 2006, p.18). De fato, essa tendência de “mostrar-se” ao mundo está cada vez mais enfatizada em nosso meio, porém, não é de agora que a literatura prolifera esses tipos de narrativas, em especial, há um grande acervo de teor testemunhal em países latino-americanos, acompanhando o período pós-repressão militar que a maioria vivenciou. Assim, as obras estudadas atravessam uma vida paralela a do autor, mas nem por

isso são dissonantes daquilo que o próprio experimentou em determinada passagem de tempo. Klinger (2006, p.22) alerta para um posicionamento diferente da escrita de si de acordo com o destaque colocado em si, no autoquestionamento ou na recomposição da memória coletiva. Ao caracterizar a autoficção, ela afirma que: “[...] se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de uma verdade na escrita” (KLINGER, 2006, p. 22).

Relembremos a limitação e contestação apresentada por alguns dos personagens das narrativas, quando falam sobre o ato de escrever sobre a tragédia familiar disposta no relato:

Decidiu que escreveria sua obra maior, única forma de romper com tudo o que antes escrevera, de se redimir [...] chegou a compor vários cartões com registros de episódios, diálogos, cenários. Mas ao tentar reuni-los numa narrativa coerente, algo não funcionou (KUCINSKI, 2014, p.134, 135)

Acima, o pai da professora faz uma tentativa de colocar na forma escrita os sentimentos e situações vividas durante esse percurso de procura pela filha. No entanto, as palavras se mostram insuficientes para expressar aquilo que ele ansiava, tornando-se um amontoado de frases indiferentes.

No subcapítulo seguinte apresentaremos o suporte teórico que embasará a literatura de testemunho, colocando em foco os autores que abordam estudos sobre esse gênero, que enfoca principalmente os eventos-catástrofes da humanidade.



## 2.1 O TESTEMUNHO NA LITERATURA

O presente subcapítulo tem como objetivo estruturar o aporte teórico que auxiliará na análise de *K. - relato uma busca* e de *Os visitantes*. Assim, teremos como subsídio estudos sobre o testemunho realizados por Klein (2010) e De Marco (2004), além da teoria do trauma, elaborada por Seligmann (1998, 2002).

Ao realizarmos uma aproximação da palavra testemunho com nosso cotidiano, teremos em vista situações como o ato de testemunhar alguma situação em que se foi espectador ou mesmo receptor de alguma ação. Na literatura isso ocorre, por exemplo, em obras de teor autobiográfico, onde autor e personagem fundem-se nas histórias narradas. Contudo, ao trazermos esse termo para a literatura, poderemos perceber que, geralmente, a relação se dá por meio de eventos “catástrofes” de natureza humana: guerras, governos totalitários, dentre outros episódios capazes de gerar trauma a quem os vivenciou.

Seligmann (1998) afirma que não se pode pensar numa literatura de testemunho sem se ter a concepção anti-essencialista de um texto: o testemunho escrito ou falado de uma cena violenta nunca deve ser entendido como uma descrição realista do que aconteceu, a vivência traumática seria a experiência de algo que vai além do simbolismo do que vivemos/conhecemos. O autor explana sobre a necessidade e o surgimento da teoria do trauma a partir de eventos catastróficos (geralmente ligados às guerras e perseguições ocorridas no século XX) assim como a relação desta teoria com a literatura; para isso, ele busca conceituar e relacionar os conceitos de trauma, choque e testemunho, apoiando-se nas teorias psicanalíticas de Freud, para quem o trauma é uma fixação psíquica na situação de ruptura.

Ainda nessa temática, Seligmann (2002) contrapõe dois tipos de trauma: o pontual, caracterizado por partir de um evento acidental; e o trauma decorrente de uma relação objetal, sendo visto como uma quebra de confiança. Ele nos fala sobre a literatura de testemunho além do seu conteúdo material: sua

linguagem, símbolos e conceitos fariam a junção do real e do imaginário. O teórico assinala que:

[...] A literatura no século XX foi em grande parte uma literatura marcada pelo seu presente traumático. Cabe a nós aprendermos a ler esse teor testemunhal, assim como aprendemos que os sobreviventes necessitam de um interlocutor para seus testemunhos. (SELIGMANN, 2002, p.148).

A literatura de testemunho serviria, dessa forma, como forma de representação do passado, porém, com sua construção a partir do presente. Em relação às teorias que embasam os conceitos e a importância da literatura de testemunho, Klein (2010, p.320) explica que o termo testemunho tem sido usado comumente para referir-se à reflexão sobre o “trauma vivenciado por indivíduos em situações extremas”. Assim sendo, o relato de Kucinski constitui-se em literatura de testemunho na medida que, mesmo não tendo sido vítima de atos violentos recorrentes naquele período, conviveu com pessoas próximas que passaram por isso; a tortura e morte da irmã e do cunhado formam essa situação extrema comentada por Klein. O pesquisador assegura que o testemunho envolve também a linguagem, pois é a partir desta que o sujeito que vivenciou o trauma pode tentar expressar o que aconteceu consigo.

Klein (2010, p.321) questiona o que realmente vem a ser um testemunho, destacando que, quando se teoriza o termo na literatura, sempre haverá questões que abrangem o ficcional, o histórico e o contexto acompanhado do tempo e do espaço nos quais a violência foi gerada, fazendo com que o testemunho, a partir da literatura, faça uma “reflexão sobre a representação, seus limites, modalidades e gêneros”, assim como quando Kucinski (2014) provoca seu leitor colocando em *relato de uma busca*:

[...] pois saiba que, para a repressão, a Organização não morreu. Continuam nos caçando. Na última semana, cinco companheiros de diferentes organizações- inclusive o nosso Yure - desapareceram depois de capturados. Agora todos os que caem somem por completo. Já são quarenta e três desaparecidos este ano, fora os que a gente não sabe. [...] desde o sequestro de Elbrick só perdas e nenhuma reavaliação. (KUCINSKI, 2014, p.176)

Onde se observa o ficcional? E o histórico? Essa passagem, presente no final da narrativa de *K.*, faz parte de uma carta enviada por ‘Rodriguez’ a ‘Klemente’, ambos militantes contra a ditadura, sendo rebatida como um documento verdadeiro por muitos leitores, fato contestado pelo autor-narrador

em *Os visitantes*. No excerto anterior, mesmo tendo sido confirmado a não autenticidade da carta, dela podemos extrair importantes informações daquele período: Klemente pode ter sido ligado a um nome real, o de Carlos Eugênio Sarmiento, ou 'Clemente', último comandante militar da Aliança Libertadora Nacional (ALN), antes desta ser totalmente desfeita pelas forças militares do governo. Seguindo, os desaparecimentos marcam uma situação comum durante os anos de ditadura, onde o termo 'desaparecido' serviu como eufemismo para militantes mortos; e, finalmente, Elbrick foi um nome de repercussão naquela época; embaixador dos Estados Unidos no Brasil e vítima de sequestro em 1969, idealizado por organizações contrárias ao governo. Sua libertação deu-se em troca de quinze presos políticos. Diante disso, podemos confirmar a presença de testemunho histórico a partir da ficção, contextualizado no tempo em que se instalou a ditadura militar em nosso país.

Klein (2010, p.06) comenta sobre as variadas obras testemunhais existentes na literatura, revelando os aspectos a que se assemelham: os autores dos testemunhos procuram contar sobre o trauma pelo qual os próprios ou pessoas próximas passaram, para poderem dar vazão às histórias daqueles que não conseguiram expressar as experiências vividas. Logo, o testemunho tem valor maior ao ser "pesquisado, construído e vivido".

Kucinski (2014) utiliza *K.* de forma autoficcional para dar seu testemunho sobre os acontecimentos da ditadura de 74. A narração da jornada do pai à procura da filha por acabou servindo como homenagem à memória de sua irmã e de tantos outros que, por algum dos motivos já citados, não puderam externar suas experiências. A literatura, nesse caso, segundo Klein (2010, p.07) atua como "catalisador", ressignificando e questionando as lacunas desse trauma, propiciando o trabalho da memória:

Há de se desvelar a verdade para que ela não se repita, há que se exigir justiça, para que a dignidade das vítimas seja respeitada e a criminalidade esclarecida e punida. Há também que se enfrentar a "herança maldita" - pois a tortura e as várias formas de abuso de poder persistem contra os pobres, os negros, os filhos de ninguém. (BENEVIDES, 2016, n.p.)

Esse fragmento, encontrado na contracapa do *relato*, alude à importância de testemunhos como o da narrada por Kucinski, tanto como uma

forma de contrapor a história oficial quanto de se refletir sobre marcas ainda persistentes e herdadas daquele período.

De Marco (2004) em elaboração de um histórico do surgimento do gênero testemunho, o mostra normalmente vinculado à história da literatura contemporânea. Segundo a autora, “o testemunho desenha-se com traços fortes de compromisso político”, em que o editor do texto (letrado) daria voz ao oprimido, reproduzindo fielmente o testemunho do outro e fazendo deste um representativo de uma comunidade que também sofreu o que é relatado. O testemunho, dessa forma, contrapõe-se à “história oficial”.

Ela ressalta ainda a importância de se refletir sobre a “catástrofe e representação” para que se esboce um perfil da literatura de testemunho, retomando conceitos dados à palavra “catástrofe”, pois, de acordo com a pesquisadora, essas acepções ajudam a descrever a relação entre a forma literária e a natureza da matéria que a compõe (DE MARCO, 2004, p.54). Ela também coloca o constante paradoxo que se apodera de quem dar um testemunho: “Como narrar o horror [...], se os que viveram inteiramente não sobreviveram para contar?”, e os que sobreviveram vivem entre a “culpa” de terem sobrevivido e a necessidade de narrar o que aconteceu, mantendo-se fiéis à verdade? A estudiosa afirma que:

O testemunho tem que falar do que viu e do que se passou sem poder instalar-se no presente com a tranquilidade de referir-se a um passado, pois sua vivência não cabe no campo do finito, do acabado; ela escapa à compreensão porque está irremediavelmente marcada pelo movimento do trauma: sucessivas aproximações de narração ou evocação que padecem do adiamento em encontrar uma expressão. Como inscrever esse testemunho do aniquilamento do homem nas páginas da modernidade confiante em sua vocação civilizadora? (DE MARCO, 2004, p.55).

Dessa forma, conceder testemunho do trauma nunca será uma tarefa fácil; reconstituir fatos, lembrar situações, nomes e, acima de tudo, rememorar aquilo que causou os eventos ‘catastróficos’, fazem da literatura de testemunho uma retomada de toda uma vida, incluindo nessa, paradoxalmente, a morte.

Marco (2004, p.67) sugere que, talvez, pelo fato da literatura de testemunho e a reconstrução de identidade dos autores terem suas origens na

violência do Estado, isso afete o pilar da tradição literária nacional, tornando-a sem fronteiras: os autores dialogam entre si e incorporam às suas escritas obras de refugiados, banidos e deportados. Essa modernidade propõe uma reflexão à historiografia literária sobre seus itens base: língua, nação e tradição literária nacional para que, dessa forma, a disciplina não contribua para o silêncio sobre essa “literatura catástrofe”, reduzindo-as a categorias que as impeçam de dialogar com obras que tratam da experiência humana (DE MARCO, p.67). É o que corroborado no posfácio de *relato de uma busca*:

Em K.-defrontamo-nos com uma experiência na qual a assim chamada realidade é revelada sob a forma de um abismo. É o mesmo que indagar-se: e se o real tiver a forma de um abismo? Ou de uma lápide- desejada por K. - sobre o espaço vazio da ausência irremediável do corpo da filha que ali deveria estar, para que o curso da vida tivesse um mínimo de sentido? ( LESSA,2014, p.187)

Mais do que um relato de testemunho, *K.* revela em seu conteúdo a face humana quando pensamos, por exemplo, no luto por uma pessoa querida ou no desaparecimento real de crianças sequestradas e nunca devolvidas à suas famílias. É a dor que invade e proporciona o sentimento de empatia, mesmo em situações diferentes a enfrentada pelo pai polonês.

Nestrovski (2004) ao analisar o filme *Shoah* (1985) coloca que barbáries como a chacina contra os judeus são fatos incontestáveis e que, acontecimentos como esses nos fazem refletir quem somos e o que fazemos em nossa vida. Muitas vezes *K.* busca seu reconhecimento como pessoa relembando momentos pelos quais passou e como semelhanças trágicas do seu passado ainda acontecem no presente de sua filha. Para o autor:

A memória é uma forma de esquecimento. A própria memória, no momento em que se condensa como memória, serve para anestesiar uma lembrança. A memória é como uma modalidade ativa de esquecimento. É um esquecimento muito mais poderoso, em seus efeitos, do que poderia ser qualquer representação. A memória já é a representação. E neste caso, em particular, estamos falando da memória de um evento tão irrepresentável que necessariamente, quando ela reaparece, já ressurgue prisioneira de formas narrativas, que funcionam até certo ponto para anestesiar seu próprio efeito. Em outras palavras: cabe sempre lembrar que “lembrar” é, ao mesmo tempo, uma forma de esquecer. (NESTROVSKI, 2004, p.55)

Alves (2010, p.14) em estudo sobre testemunho ressalta que o termo é constantemente ligado a discursos de países latino-americanos que já

vivenciaram a ditadura militar. O ato de testemunhar, para ele, é um “encontro com um lugar de memória”, usado para confrontar o passado. Nesse viés, as narrativas de Kucinski (2014; 2016) atuaram como forma de expressão, reencontro e enfrentamento dele próprio e de parte de sua história.

O próximo subcapítulo tratará da memória como item essencial na formação da história de uma sociedade, nação, etc. Assim como também do enredo das obras estudadas, em que o contexto histórico dos acontecimentos é parte integrante da narrativa. Para isso, autores que teorizam sobre a história e a memória serão relacionados na seção.

## 2.2 A MEMÓRIA NA HISTÓRIA-CAMINHOS CRUZADOS

A história de um povo está intrinsicamente ligada à memória do mesmo, não seria incorreto dizer que o contrário também acontece. É graças às memórias de uma nação que a história que constitui identidade, nascimentos, lutas, justiças e injustiças podem ser repassadas a cada geração.

O objetivo desta subseção é evidenciar a importância da memória na constituição narrativa de *K.-relato de uma busca* e de *Os visitantes*. As duas obras frequentemente evocam a presença de memórias vinculadas às personagens, ora de maneira individual, ora de maneira coletiva, em lembrança compartilhada em conjunto. Para fundamentação teórica contaremos com Pirolli (2016), Halbwachs (1990), Ricoeur (2003; 2005) e Le Goff (1990).

Pirolli (2016, p.02) ao discorrer sobre os abusos de memória observados em *K. -relato de uma busca* faz menção a como a memória, o esquecimento e a história parecem ser elementos cruciais na narrativa. Para isso, a pesquisadora recorre a Lúkacs (1937), para quem o romance histórico representa mudanças históricas que transformaram a vida de um povo, assim sendo, se atentarmos para o enredo de *K.*, facilmente o colocaríamos nesse rol, visto que a essência do romance tem como pano de fundo a ditadura militar brasileira, época que marcou a vida de quem presenciou esse governo e daqueles que, mesmo não tendo vivido conscientemente esse período, tiveram que lidar com a angústia de verem pessoas próximas sendo colocados para sociedade como “terroristas” e, posteriormente, como “desaparecidos” políticos, muitos desses, torturados e/ou mortos por discordarem da forma governamental instalada:

No trigésimo dia do sumiço da filha, K. leu no *Estado de S. Paulo* uma notícia que se referia, embora de modo discreto, a desaparecidos políticos. O arcebispo havia convocado uma reunião com “familiares de desaparecidos políticos”. Estava escrito assim mesmo: “familiares de desaparecidos políticos”. (KUCINSKI, 2014, p.20)

Como é possível observar, K. toma conhecimento que não só sua filha se encontrava “desaparecida”; essa situação atingia diversas famílias, que

recorreram à igreja com a esperança de quem sabe, alcançar ajuda ou alguma notícia que indicasse o paradeiro dos familiares ausentes de seu convívio. Em meio aos depoimentos, o escritor iídiche percebe a gravidade do cenário que vivia: sumiços sem deixar vestígios, mortos sem terem seus corpos encontrados para o ritual final de enterro. Impactado com essa situação, relembra que até mesmo no período nazista havia certa contagem e identificação de mortos (ainda que essa informação venha a ser refutada em *Os visitantes*), diferente do “sumidouro” de pessoas que persistia entre o grupo ali reunido.

A memória surge, dessa maneira, como um canal de reapropriação do passado histórico (Ricoeur, 2003, p.01), onde a mesma pode ser instrumento de usos e abusos; esses últimos quase sempre relacionados a eventos traumatizantes como a ditadura e a *shoah*. Pirolli (2016) expõe a respeito da memória impedida ou ferida, sendo está representada tanto por uma perda individual quando coletiva, a exemplo do que ocorre no *relato*, onde o pai judeu sofre com o desaparecimento da filha professora, tendo, dessa maneira, sua memória ferida num plano pessoal; assim como também compartilha da angústia vivida pelas outras famílias, refletindo sobre momento de violência pelo qual o país passava: a memória ferida num âmbito coletivo, já que não atingia somente ele, mas todo um grupo na sociedade. Para uma total pacificação da memória, Ricoeur (2005, p.04) enaltece a vivência do luto para que, dessa forma, a pessoa aceite sua perda: ‘Um luto conseguido é a condição de uma memória pacificada, e nessa medida, feliz’.

No prólogo *Cartas à destinatária inexistente*, pertencente a *K.-relato de uma busca* o narrador fala da constante chegada de missivas destinada à irmã desaparecida:

É como se as cartas tivessem a intenção oculta de impedir que sua memória na nossa memória descanse; como se além de nos haverem negado a terapia do luto, pela supressão do corpo morto, o carteiro fosse um Dybbuk, sua alma em desassossego, a nos apontar culpas e omissões (KUCINSKI, 2014, p. 10)

O autor reaviva a irmã morta sempre que chega uma carta com o nome da mesma, comparando o carteiro a uma figura da mitologia judaica, representada por uma alma atormentada que se une a uma pessoa com a



finalidade se angustiá-la. Kucinski (2014.p.12) compara a indiferença do governo com os mortos durante a ditadura a uma espécie de 'Alzheimer nacional', no qual o nome da filha de K. no "rol dos vivos" é também produto do esquecimento no "rol dos mortos". Para Ricoeur (2005, p.03) o dever da memória:

Confere uma dimensão moral e política ao dever de memória sob o signo da justiça. Fazer justiça aos de outrora, conhecidos, desconhecidos ou ignorados. O sentido da justiça não visa estabelecer uma escala dos méritos, mas ajudar cada um a encontrar o seu lugar e distância adequados em relação aos protagonistas que a nossa história nos fez cruzar em diversos papéis. Mas o sentido da justiça lembra-nos, sobretudo duas coisas: que é, antes de mais, às vítimas que a justiça é devida, - mas que em todas as circunstâncias uma vida vale tanto como outra: nenhuma é mais importante do que outra.

O esclarecimento das informações referentes às prisões, torturas e mortes de presos políticos veio por meio da Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP, instituída pela Lei n 9.140/95), servindo para que Estado brasileiro assumisse sua responsabilidade perante essas mortes, além da indenização pecuniária para aqueles que a solicitassem.

Em 2012, Kucinski conseguiu junto aos direitos humanos a revogação do processo instaurado em 1975 pela reitoria da USP, no qual Ana Rosa Kucinski, até então professora da instituição no departamento de química, foi acusada de abandono de função, tendo sido ignorado seu 'sumiço' forçado. No processo de redemocratização brasileira, o nascedouro dessa Comissão também auxiliou na reconstrução da memória coletiva de nosso país, pois mesmo que relate um período sombrio, é indispensável para que não aconteçam novamente falhas que atentaram contra os Direitos Humanos, tal como ocorreu período de chumbo.

Ao discorrer sobre a memória coletiva, Halbwachs coloca que:

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu.(HALBWACHS, 1990, p. 28).

Dessa forma, para que nossa memória se entrelace com a dos outros, não basta que nos tragam suas lembranças, é necessário que ela também encontre “pontos de contato” com o que nos é recordado para que, tendo um ponto em comum, as lembranças possam ser devidamente reconstruídas. E é somente através dos dados e noções partilhadas reciprocamente que é possível que “uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBWACHS, 1990, p.33).

O autor comenta sobre as lembranças que se destacam em nossa memória: em um primeiro plano estariam aquelas vividas na comunidade da qual fazemos parte: composta por um maior número de pessoas, tais experiências recordadas podem ter resultado de nossa própria vida ou de alguém com quem possuímos um contato frequente. Em um último plano estariam as lembranças das quais um número reduzido ou apenas uma pessoa fez parte. Ele explica que os acontecimentos mais lembrados por nós são aqueles gravados na memória de grupos próximos, consistindo em “domínio comum”, e é por podermos nos apoiar nas memórias dos outros que podemos fazer uso delas com mais facilidade:

Vai ouvir sim! Vai ouvir que deram choque elétrico no meu corpo todo [...] eu aguentei até que me trouxeram o Ricardinho e ameaçaram machucar o menino [...] aí eu desabei, falei todos os nomes que me vinham à cabeça [...] E você inventa um torturador que diz que nem precisou acender um cigarro! (KUCINSKI, 2016, p.34; 35)

Nesse excerto, um dos personagens de *Os visitantes* questiona o autor ficcional de *K.* a respeito da sua suposta inclusão como personagem no romance, sendo reconhecido como um ‘delator’, termo que acaba estigmatizando-o no meio social. Ao confrontá-lo, a personagem relata sua memória íntima, ignorada pelo autor e diferente da que se tinha conhecimento em âmbito coletivo. O sociólogo alerta que, apesar da memória coletiva ter sua “força” por ser compartilhada por um conjunto de indivíduos, cada membro do grupo tende a lembrar com mais ou menos intensidade de certo acontecimento vivido:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda

segundo relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p.50)

Logo, a ficção que Kucinski lançou mão para contar a história da irmã e do pai foi, de certo modo, sua memória individual. Contudo, ao pesquisar dados que o levaram a construir situações relatadas no livro, pode-se conhecer uma memória diferente da sua em relação a um mesmo evento. Essas memórias, juntas, constituem a memória coletiva discutida pelo Halbwachs.

Contrastando dois tipos de memórias existentes, Halbwachs (1990, p.55) coloca a memória interna como sendo a memória autobiográfica; e a memória histórica, a externa. A memória interna se apoiaria na memória histórica, pois a “história de nossa vida faz parte da história geral”. Já a memória histórica seria mais ampla, representada de forma resumida, enquanto a primeira seria mais densa e contínua. É na memória vivida que se apoia nossa memória, a história serve para assimilarmos acontecimentos e datas que antecederam nosso nascimento ou se sucederam na infância: é a memória nacional, mostrada de forma resumida em livros e narrativas.

Para que faça parte da memória histórica, um fato precisa ter sido colocado em um ponto de vista de um grupo, centro de interesse ou preocupação por uma comunidade em âmbito nacional. A história social diferencia-se da história local por conservar os fatos importantes para os cidadãos como membros de uma nação: “Há acontecimentos nacionais que modificam ao mesmo tempo todas as existências” (HALBWACHS, 1990, p. 78). O autor acaba por concluir que a memória coletiva não se confunde com a história. Para tanto, ele discorre sobre a constante busca de lembranças para que haja memória; na história, essa condição cessa na medida em que os fatos colocados em livros possuem uma solução final.

Ademais, o estudioso afirma que se pode diferenciar a memória coletiva da história em pelo menos dois aspectos: a coletiva segue uma “corrente de pensamento contínuo”, retendo do passado somente aquilo que ainda permanece vivo na memória de um grupo, não ultrapassando os limites deste. Segundo ele, não existem linhas divisórias na memória coletiva, diferentemente da história, há apenas limites “irregulares e incertos”, o passado não existe

mais e se opõe ao presente: são períodos históricos vizinhos. Já na história, estes dois períodos têm realidade. O segundo aspecto distintivo é a existência de várias memórias coletivas, enquanto a história perdura somente uma. A memória pode apresentar-se como memória universal, mas essa não existe: toda a memória coletiva tem seu suporte em grupo limitado no espaço e no tempo: “Fazemos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras”(HALBWACHS, 1990, p.25).

Assim sendo, Kucinski percorre sua narrativa apoiando-se também em lembranças coletivas, as quais fazem parte de algo maior, marcado na memória histórica de nosso país. Halbwachs (1990, p.77) explica que, se apoiarmos aquilo que nos é lembrado em impressões de outras pessoas, as recordações seriam mais exatas, estaríamos como que recomeçando uma nova experiência, feita com memórias não somente de uma pessoa, mas de várias.

Para Le Goff (1990, p.08), “o caráter único” dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fez da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo em que é uma ciência. O historiador discorre sobre as manipulações conscientes e inconscientes que os mais diversos sentimentos exercem sobre a memória individual e fala da importância da memória coletiva na “luta das forças sociais pelo poder”:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p.368)

De acordo com Le Goff (1990), a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades que já se desenvolveram ou ainda se desenvolvem, das classes dominantes e dominadas; na luta pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Segundo o estudioso, a memória é um dos elementos essenciais do que chamamos de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das

atividades fundamentais do ser humano e das sociedades até o dia de hoje. Ele reflete que a memória, na qual cresce a história, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro: “Por isso, devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p.471).

Pollak (1992, p.02) ao discorrer sobre a memória afirma que essa parece ser um “fenômeno individual”, algo “relativamente íntimo”, porém, ela também deve ser entendida como “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. O sociólogo alerta para o fato de que, apesar de tais características, a memória, tanto individual quanto coletiva, possuem pontos imutáveis como se, em uma história de vida individual ou coletiva, houvesse elementos irredutíveis, algo tão marcante e sólido na memória que impossibilitaria a ocorrência de mudanças.

O historiador elenca os elementos constitutivos da memória individual e coletiva: os acontecimentos vividos “pessoalmente” e os acontecimentos vividos por “tabela”, referindo-se, este último, a acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa sente pertencer. Ele coloca que podem acontecer situações tão traumatizantes para um grupo, que suas memórias são transmitidas no decorrer dos séculos, sempre com um alto grau de identificação, podendo ser consideradas como se fossem memórias “herdadas”.

O autor cita ainda pessoas e personagens, além de lugares, como elementos que fazem parte da memória. As personagens podem ser aquelas encontradas no decorrer da vida ou aquelas que, mesmo não tendo um contato frequente, tornaram-se quase como conhecidas da pessoa. Quanto aos lugares, Pollak diz que estes podem ter feito parte da infância da pessoa ou terem sido ambientes de comemoração (lugares de apoio), são espaços marcantes, podendo servir como recordação de lembranças vividas pela pessoa de forma individual ou coletivamente:

Naquela noite, no Clube Militar, à medida que subia os degraus de mármore talhados em forma de pétalas, que conduziam ao andar superior, K. observava a imponência da construção, com suas linhas neoclássicas. Lembrou-se subitamente de outra escadaria em outros tempos, em Varsóvia, igualmente em mármore e também no estilo neoclássico, que ele galgara aos saltos, ainda jovem e valente, para

indagar o paradeiro de sua irmã Guita. [...] alarmou-o a emergência da lembrança, que julgava soterrada nos escombros da memória. (KUCINSKI, 2014, p.36)

Nesse episódio de *relato de uma busca*, o pai de da professora desaparecida recorda sua juventude como militante ao procurar a filha no quartel militar. O que antes considerava um fato esquecido torna-se se reavivado em sua memória ao constatar a semelhança estrutural do lugar em que se encontra, além da mesma ação de busca; primeiramente pela irmã, que é presa e morta em um campo de concentração, e depois pela filha, que acaba tendo o mesmo destino da tia. Para Ricoeur (2005, p.3) esse reconhecimento do passado é próprio da memória, ainda que a história venha a contribuir com essa reconstrução de lembranças.

A memória se apresenta como sendo um fenômeno construído, tudo aquilo que a memória grava ou exclui é resultado de um trabalho de organização, assim:

Quando dizemos que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos dizer que há também uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1989, p.5).

Segundo o pesquisador, existem três elementos essenciais para se construir a identidade: há a unidade física, referindo-se ao sentimento de se ter fronteiras físicas, ou com o corpo da pessoa ou com o pertencimento a determinado grupo; existe também a continuidade do tempo, em seu sentido físico, moral e psicológico; e o sentimento de coerência, em que os diferentes elementos que formam um indivíduo são unificados. Diante disso, podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de liberdade, individual e coletiva, uma vez que ela é um fator de extrema importância para o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo em sua própria reconstrução.

No subcapítulo a seguir discorreremos sobre o luto e a dor, elementos constitutivos das obras aqui pesquisadas. O subsídio teórico apoiará essa parte estará fundamentado em Freud (2011), Dalcastagnè (1996), Seligmann (2002), Pellegrini (2005), Schøllhammer (2000) e Ginzburg (2012)

## 2.3 MARCAS DE VIOLÊNCIA E A LINGUAGEM DO TESTEMUNHO: A SOMBRA DO TRAUMA E DA DOR

Perder um ente querido é sempre um momento repleto de dor. Seja por circunstâncias naturais, seja quando o fim vem por meio de episódios trágicos e hediondos. Não ter a presença física de uma pessoa no convívio diário, deixa-nos, antes do período de luto, imersos em indagações a respeito de nós mesmos, da vida e da morte. Mesmo quando não há intimidade, a empatia nos coloca expostos ao sofrimento do outro. O objetivo desse subcapítulo é realizar um contributo teórico relativo ao luto e a dor.

Freud (2011, p.28) ao definir o luto, apresentando-o como sendo a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, liberdade, ideal. Ao considerarmos essa designação, podemos encontrar traços dessa perda na luta dos personagens de *K.* por um estado democrático, a partir do momento em que veem o país sendo cada vez mais forçado à violência e repressão ou mesmo quando ocorre a morte de algum integrante dos movimentos contrários ao governo, provocando uma distância maior daquilo que se considerava o ideal a uma sociedade.

Tendo o escritor iídiche sofrido um processo de autocensura pelo distanciamento e omissão em relação à vida da filha, a melancolia é recorrente na personagem durante o relato. Porém, mesmo havendo características semelhantes ao luto, tal estado presente no pai diferencia-se pelo fato dele ir buscar recordações que aludem à filha desaparecida, ao passo que, no luto, a memória ou tudo que lembra a pessoa morta, é constantemente evitada. De acordo com Freud:

[...] Quando existe uma disposição à neurose obsessiva, o conflito de ambivalência confere ao luto uma conformação patológica e o compele a se expressar na forma de auto recriminações [...] os motivos que acarretam a melancolia ultrapassam na maioria das vezes o claro acontecimento da perda por morte e abrangem todas as situações de ofensa, desprezo e decepção. (FREUD, 2011, p.33)

*K.*, ao reavivar os caminhos percorridos pela filha até obter a certeza de sua morte, não se permite a vivência do luto, a “ferida exposta” renunciada por Freud (2011) não fecha nem mesmo ao sepultar simbolicamente filha, já que não foi permitido o enterro segundo os rituais judaicos; é quando o polonês

acha-se desprezado e decepcionado até mesmo pelo seu povo, a quem venerava e por quem se abnegou da vida cotidiana da militante.

Para Dalcastagnè (1996, p.17) os romances testemunhais tornam-se obras essenciais de uma época ainda não totalmente esclarecida, que precisa se fazer presente, múltipla e ilimitada. Segundo a pesquisadora (1996, p.48) boa parte dos livros testemunhais pretende assumir um compromisso literário e histórico, porém, acabam por sofrerem uma limitação, não desenvolvendo por completo nenhuma das duas coisas. Para a pesquisadora, mais do que literário, as narrativas precisam ser analisadas num âmbito sociológico, ‘como resultado de uma experiência de opressão e censura’. E é colocando a história em forma escrita que muitos conseguem expressar de fato sua dor num espaço individual e coletivo, além de afirmar sua própria identidade: “[...] Ele se multiplica, divide-se entre o que foi e o que é, para alcançar a essência do que aconteceu. Só assim poderá recuperar a sua própria identidade, por meio da consciência histórica”. (DALCASTANÈ, 1996, p.104).

Dessa maneira, ao escrever sobre a procura de seu pai por sua irmã de forma autoficcional, que também é parte de sua história pessoal, além de uma espécie de autoanálise da sua narrativa, Kucinski busca reafirmar sua própria identidade e expor sua dor, muitas vezes remetida somente aos mortos durante movimentos de lutas sociais. Alves (2010, p.17, apud CIRULNIKY, 2005, n.p.) exalta a resiliência como forma de “controle” de um trauma sofrido; o autor fala da narração como processo de ‘recuperação’ da realidade, podendo para isso, a vítima do trauma usar da ficção, mesmo se tratando de um testemunho.

As narrativas de *K.-relato de uma busca* e de *Os visitantes* percorrem além da busca de um pai pela sua filha ou da autocrítica de um autor à sua própria história. Os textos contêm em seu âmago características que enfatizam uma face literária atenta a aspectos relativos à violência e o luto, colocados na forma da própria escrita e ou como atributos das personagens. Estreitando os inúmeros sentidos que a palavra violência pode abranger, Ginzburg (2012) concebe que ela:

É entendida como uma situação, agenciada por um ser humano ou um grupo de seres humanos, capaz de produzir danos físicos em outro ser humano ou outro grupo de seres humanos. Estou



entendendo a violência como um fenômeno que inclui um deliberado dano corporal. A violência, tal como definida aqui, envolve um interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou levá-lo à morte (GINZBURG, 2012, p.11).

Infligir um castigo ou repressão de modo a deixar marcas, físicas ou psicológicas, é um artifício usado na literatura como forma de representar pontos em que a insanidade e perversidade humana podem chegar, metaforizando o poder repressor. A sensação de poder das autoridades, junto à paralisia que geralmente toma forma quando se está sob domínio da violência resume cenas como as relatadas em episódios de tortura:

Tudo está ali sintetizado: a aprendizagem do terror, o poder invadindo com suas garras as intimidades, os métodos de domínio, de sujeição e de gozo. Deles se valeu, a seu tempo, a ditadura — para dominar, para oprimir, para aterrorizar, para submeter. (CASTELLO, 2014, n.p.)

Ao pensar na violência em situações abordadas em produções literárias, Ginzburg (2012) propõe a mudança de perspectiva nas indagações comuns ao se delinear tema:

[...] Essas perguntas são insuficientes, porque elas ainda admitem, em insinuação, a violência em condições específicas. A pergunta precisa ser reformulada, de modo que não admita a violência sob nenhuma condição: “Porque o ser humano mata outro?”, ou, genericamente, “Por que um ser humano agride o outro?” são perguntas necessárias. (GINZBURG, 2012, p.7)

A tendência de relativizarmos a violência persiste no nosso próprio cotidiano, ao condenarmos acontecimentos em favor de outros, mesmo diante de uma visível igualdade de gravidade, é o que Frei Betto (1982) transcreve em seu testemunho:

[...] Se estudantes são espancados na rua, é porque exorbitaram em suas manifestações; se sindicalistas são presos numa greve, é porque deram caráter político ao movimento reivindicatório; se um militante morre na tortura, é porque matou-se em decorrência de desequilíbrio psíquico[...] (BETTO, 1982, p.125)

A arbitrariedade no trecho exposto coloca-nos frente a processo de culpabilização habitual do agente repressivo com suas vítimas. Ginzburg (2012) considera que evitar uma posição universalista ao se falar da violência na literatura:

Trata-se de um princípio generalizante, de acordo com o qual a violência pode ser considerada como um tema constante na literatura: ela estaria presente na Antiguidade Clássica, na Era Moderna e na

contemporaneidade. [...] não é verdade que a violência ocorreu sempre do mesmo modo historicamente. (GINZBURG, 2012, p.27)

O entendimento enraizado na sociedade de que seres humanos são dotados de “essências imutáveis”, entre as quais a violência, que transpassaria épocas, se fazendo adormecida em alguns, e apenas manifestada quando aflorada, contribui para a falsa ou equívoca concepção de que somos propensos a agredir e destruir (GINZBURG, 2012, p.27). Para o autor, as “circunstâncias históricas” de determinadas obras explicam a violência aplicada em situações diversas, e sua função, diz ele, é provocar um resultado ‘positivo’ ao final da narrativa, conseguido através de um contraste entre a crueza de cenas violentas e elementos favoráveis a esses valores positivos. (GINZBURG, 2012, p.29). O teórico realiza uma configuração da violência em obras literárias, mais do que identificar as cenas em que ela aparece, a linguagem utilizada se faz presente como importante ferramenta para a construção do texto, em particular, as figuras de linguagem que indicam exagero e omissão de termos:

Imagens de excesso são muito comuns em cenas de agressão, como procedimento de intensificação. Elipses aparecem frequentemente em cenas após um ato de violência, sugerindo que foi invadido um terreno aquém do verbal, em que o que está sendo vivido não pode ser expresso adequadamente em palavras. (GINZBURG, 2012, p.31)

No caso de *K.-relato de uma busca* e *Os visitantes* essas figuras de linguagem se apresentavam nos pensamentos do pai ao se deparar com a desinformação a respeito da filha ou mesmo em passagens em que a violência é mencionada de forma mais explícita: “O jovem procurador disse que é truque, que é mentira, que não aconteceu, que os corpos não foram incinerados num forno de assar melão. Eu e minha ex sabíamos que era verdade. Sempre soubemos”. (KUCINSKI, 2016, p.83). Nesse fragmento, já na parte final de *Os visitantes*, é retratado o escritor-narrador assistindo à entrevista daquele que, provavelmente, foi um dos últimos a ver Ana Rosa sem vida. Posteriormente, a negação do fato por um procurador de justiça, em nome do Ministério Público Federal (MPF), encarregado de averiguar casos de desaparecimentos políticos, não convence os dois personagens do que acreditavam ser a verdade.

Ginzburg (2010) em estudo a respeito da linguagem e trauma na escrita do testemunho nos coloca frente àquele que, geralmente, narra a história de

trauma resultante de um evento catastrófico. À luz da etimologia da própria palavra testemunho o autor destaca, embasado em teóricos do gênero, o conceito que o termo carrega: “Trata-se de indicar uma fala em tensão com uma realidade conflitiva” (GINZBURG, 2010, p.27). A fala e escrita de quem viveu e conviveu com a dor, geralmente costuma trazer toda a sorte de sentimentos não expressados naturalmente:

[...] esse velho vai ficar doidão de novo. Filho da puta. Se não tivessem mandado parar tudo eu matava um desses velhos só pros outros pararem de encher o saco. Matava ele ou aquela grã-fina filha da puta da Zuzu que também andou mexendo os pauzinhos lá nos esteites. (KUCINSKI, 2014, p.72)

Mesmo que depois tenha se auto repreendido pela quantidade de rudeza: “Você carregou nos palavrões porque desconhecia esse jargão” (KUCINSKI, 2016, p.39), os próprios períodos cheios de marcações violentas denotam uma forma de desabafo vindo do escritor autoficcional. Dessa forma, o trauma, estreitamente ligado à escrita de testemunho, tem sua forma na linguagem utilizada na narração dos fatos: “A escrita aqui não é lugar dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento e seus fundamentos, por mais que sejam, muitas vezes, obscuros e repugnantes”. (GINZBURG, 2010, p.28)

Não se espera que, em uma obra que aborde temas de natureza dolorosa, o autor consiga manter-se sempre em firme escrita, sem nunca falsear naquilo que escreve: “Sua novela tem origem no trauma” (KUCINSKI, 2016, p.19) provavelmente convida o leitor a reviver o processo de lembranças, muitas vezes esquecidas voluntariamente com o propósito de evitar a própria dor. Para Seligmann (2008, p.65) a memória de um trauma funciona com um processo ou ‘compromisso’ entre o trabalho da memória individual e aquela construída coletivamente, a condição de sobrevivente suscita a necessidade de narrar o que se passou.

Em Kucinski (2014; 2016) essa inevitabilidade de contar o que aconteceu com a irmã veio a se construir com as novelas, depois de anos atuando no jornalismo, “a memória de um passado que não passa” (SELIGMANN, 2008, p.69) constitui um dos cerne do trauma. Em busca de contar parte da história de sua irmã, que também faz parte de sua história,

Kucinski faz uso da imaginação, acrescentando passagens e nomes reais às suas narrativas: “A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio real para sua narração”. (SELIGMANN, 2008, p.70)

Schøllhammer (2000, p.242) ao comentar sobre a violência urbana na literatura atualmente, retrata a divisão realizada até pouco tempo atrás, onde os cenários para a construção da mesma se dava ou no campo ou na cidade, passando depois à ideia de “cidade oficial” e “cidade marginal”, essa alternância tem início após a década de 64, onde a literatura serviu como meio de denunciar os abusos de autoridade cometidos pelo governo da época: “As lutas contra a tortura, as prisões e a repressão, assim como a vida na clandestinidade, tornaram-se tópicos tão importantes quanto conflitos sociais entre pobres e ricos nas grandes cidades” (SCHØLLHAMMER, 2000, p.242).

Se antes os romances descreviam as lutas por terras e a busca por uma melhoria de vida na cidade, a ambientação agora se concentrava quase que exclusivamente na cidade, onde a batalha é a favor do restabelecimento da democracia:

O mais importante a respeito da literatura que tematiza a violência é que ela se articula na fronteira da sua capacidade expressiva e a transgressão desse limite é idêntica à capacidade de ressimbolizar aquilo que foi excluído pela lei do discurso, iniciando uma comunicação poética entre o real e o ficcional, entre o verdadeiro e o falso, entre o representado e o imaginado, entre o universal e o particular e entre o público e o privado (SCHØLLHAMMER, 2000, p.250).

A expressão do que não se pode exprimir ocorre de maneira a dar chance de voz àquele que, ou foi silenciado prematuramente ou mesmo não pode relatar sua vivência em momento oportuno.

Para Pellegrini (2005, p.134) a violência surge como “constitutiva da cultura brasileira”, seu uso sistemático no Brasil é de natureza colonial, onde o uso da força prevalecia como forma de indicar autoridade; há de se lembrar de que depois da colonização portuguesa, houve ainda a escravidão, que junto à ditadura militar constituiu-se a tríade da repressão cultural, social e política. A possibilidade de se usa a força imaginativa fez com que escritores como Kucinski (2014; 2016) ressignificassem a forma de mostrar a violência. Em *K.*

*relato de uma busca* isso acontece não só pelas situações com que o pai se depara no decorrer da narrativa, mas também pelo uso da própria linguagem, muitas vezes por uma tendência “brutalista” da qual Schøllhammer faz alusão:

[...] percebemos como essa narrativa, ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente. (SCHØLLHAMMER, 2000, p.257)

Caracterizando alguns dos contos de Rubem Fonseca (1925), Schøllhammer evidencia a linguagem que o escritor utiliza na fala dos ‘marginalizados’, causando um choque momentâneo ao leitor; ademais, o uso de palavras usadas sempre em advertência auxilia na construção da representação da violência, no caso das obras aqui estudadas, traz a dureza de um relato, onde a sensibilidade e organização de ideias perpassam o campo de sensatez e moderação de quem a pronuncia: “(...) vai ouvir, sim, vai ouvir que deram choque elétrico n meu corpo todo, enfiaram um cabo e vassoura no meu cu (...)” (KUCINSKI, 2016, p.37). Percebamos que o diálogo em si já narra um ato de violência, mas juntando ao fato de a descrição da tortura não ser indiferente à vítima, não se espera também o cuidado no uso das palavras mais amenas.

No próximo capítulo será realizada uma análise de *K.-relato de uma busca* e *Os visitantes*, relacionando-os à teoria explanada ao longo dos capítulos anteriores. Com isso, perceberemos como a autoficção e a memória podem ser visualizadas nas obras, além da dor e luto presentes nas personagens no decorrer das narrativas. As considerações finais tecerão as observações finais da nossa pesquisa.

### 3 ANÁLISE DE K. - RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES-LIBERTAÇÃO E REENCONTRO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar uma análise das obras pesquisadas, *K.- relato de uma busca* e *Os visitantes*. Observaremos, a partir das teorias já referidas, como se concretizam aspectos relativos à autoficção, à memória, ao testemunho, abordando também a violência e a dor recorrentes nas narrativas, construindo um comparativo entre o que as duas obras propuseram quanto à história de vida de seu autor e do nosso país.

Kucinski (2014, p.08) inicia sua narrativa de *K.-relato de uma busca* intrigando o seu leitor: ‘Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu’, poderia, de fato, haver essa afirmação na literatura? Ou seria uma espécie de ‘jogo’ criativo do autor com o intuito de incentivar a leitura de sua obra? Logo, nos encontramos questionando o que de verdadeiro há na história exposta por Kucinski, e o que é ficção. A escrita do autor em *relato de uma busca* denota um narrador onisciente: o narrador conhece os personagens, suas emoções, os pensamentos que permeiam cada um: “A tragédia já avançara inexorável quando, naquela manhã de domingo, K. sentiu pela primeira vez a angústia que logo o tomaria por completo. Há dez dias a filha não telefona”. (KUCINSKI, 2014, p.13)

É deixado claro que não se trata de um relato em primeira pessoa, como frequentemente avistamos em gêneros análogos a diários e biografias que tratam de eventos traumáticos presentes na história da humanidade, a exemplo de episódios como a *shoah* e da ditadura militar.

Constituído por 29 capítulos que narram a procura de um senhor, nomeado apenas por K., pela sua filha “desaparecida”; a história é contada através dos pensamentos e ações do pai, assim como por diálogos com as pessoas que vão adentrando seu caminho, indicando às vezes pistas falsas do paradeiro da filha, às vezes condizentes com aquilo que se acreditava ser a verdade por trás do sumiço da professora e de seu marido.

*As cartas à destinatária inexistente* introduz a narrativa de K. com a única parte que consta uma escrita em primeira pessoa, contudo, como sugerido por

Faedrich (2014,p.20) essa ambiguidade a que o leitor se sujeita, de saber da veracidade dos acontecimentos de um enredo, assim como do relato suscitado nesse capítulo, refletem o cerne da autoficção, marcada pela imprecisão de ser um texto autobiográfico ou ficcional. Dessa forma, não é incomum encontrarmos em obras autoficcionais iguais a essa, trechos que apresentam obscuridade em aspectos, como o próprio narrador:

De tempos em tempos, o correio entrega no meu antigo endereço uma carta de banco a ela destinada; sempre a oferta sedutora de um produto ou serviço financeiro [...]Sempre me emociono à vista de seu nome no envelope. E me pergunto: como é possível enviar reiteradamente cartas a quem inexistente há mais de três décadas [...]. (KUCINSKI, 2014, p.9)

A primeira leitura nos desperta a curiosidade gerada no prefácio: afinal, o que realmente está se lendo pertence a uma esfera fantasiosa ou realista? Aumenta-se a indagação ao final da reflexão sobre as cartas endereçadas a uma pessoa falecida, no momento em que há uma atribuição de data ao registro. Essa espécie de “carta pessoal” faz parte da variedade de gêneros que a autoficção pode apresentar, constituindo as estruturas híbridas, aludidas por Faedrich (2014, p 25), assim, além dos diálogos entre as personagens, Kucinski (2014) utiliza os próprios pensamentos, principalmente de K., cartas que teriam sido trocadas entre pessoas da trama e entrevista com indivíduos relacionados à ditadura; tudo isso compõe a narrativa da busca:

Me lembrei daquela vez que fomos juntas a Parati. Às vezes eu me pergunto: por que tudo isso? Não sei se é paranoia, mas sinto o perigo me rondando. Todo dia prendem alguém no campus. Não preciso falar do que tem acontecido. O clima está muito pesado. Como sair disso? Não sei como sair, só sei que, se antes havia algum sentido no que fazíamos, agora não há mais (KUCINSKI, 2014, p.47).

Nessa carta que Ana endereça a uma amiga, além de ser elemento construtivo do texto, é a única parte em que as prováveis palavras da professora têm vida, revelando seu cotidiano e visão sobre sua família, que desconhecia sua participação em movimentos políticos.

Para Doubrovsky (?) referido por Faedrich ( 2014, p.26) a autoficção é uma narrativa em que a “matéria é inteiramente autobiográfica, a maneira inteiramente ficcional”. Posto isto, a elaboração das histórias *de K.-relatos de uma busca e de Os visitantes* são pautadas em eventos reais, tanto da vida do autor como da própria história do nosso país: “[...] será quando exigi da

universidade a revogação do ato ignóbil de sua expulsão por abandono de função?” (KUCINSKI, 2014, p.11) Aqui, o narrador citado suscita a ocasião em que recorreu da demissão por abandono de cargo da professora, fato esse ocorrido no plano autobiográfico do autor. Conforme Faedrich (2014, p. 30) a autoficção tem base nas histórias de vida de quem a escreve, porém, ao discorre-las, perde-se o domínio da escrita do que é real ou fabulação, imaginado ou mesmo esquecido. Dessa forma, Kucinski (2014) se vale de passagens reais de sua vida para estruturar seu texto, no entanto, o ficcional toma forma, não havendo mais diferenciação que limite ou ordene os acontecimentos de acordo com o grau de veracidade.

O carteiro nunca saberá que a destinatária não existe; que foi sequestrada, torturada e assassinada pela ditadura militar. Assim como o ignoraram antes dele, o separador das cartas e todos do seu entorno. O nome no envelope selado e carimbado, como a atestar autenticidade, será o registro tipográfico não de um lapso ou falha do computador, e sim de um mal de Alzheimer nacional. (KUCINSKI, 2014, p.12)

Aqui, a violência é referida através dos atos a que a personagem foi submetida, o uso descritivo é rareado na narrativa, sendo a violência psicológica sofrida por K. mais evidenciada, nos momentos em que o pai se encontra envolto a mentiras sobre o paradeiro da filha. O “Mal de Alzheimer” é a própria história esquecida, fazendo com que manifestações burocráticas, como cartas de empresas aos falecidos, tornem-se produto de um esquecimento coletivo e enfatizem a lembrança dos que vivem: “A permanência do seu nome no rol dos vivos será, paradoxalmente, produto do esquecimento coletivo do rol dos mortos” (KUCINSKI, 2014, p.11). Em meio à falta de notícias da filha, K. começa a relembrar momentos de sua vida na Polônia, quando vivenciou a guerra contra o nazismo:

Naquela noite sonhou ele menino, os cossacos invadindo a sapataria do pai para que lhes costurasse as polainas das botinas. Despertou cedo, sobressaltado. Os cossacos, lembrou-se, haviam chegado justo no Tisha Beav, o dia de todas as desgraças do povo judeu, o dia da destruição do primeiro templo e do segundo, e também o da expulsão da Espanha. (KUCINSKI, 2014, p.14)

O sonho acontece após o escritor iídiche não ter notícias sobre o paradeiro da filha, além dos boatos de desaparecimentos de estudantes judeus que tomavam conta do bairro onde morava; associavam o rumor à ditadura. Uma precipitação do que estaria prestes a ocorrer aludida em seu inconsciente.



A história de massacre do povo judeu, que também é a história de K. começa a ser repassada no momento em que o desaparecimento de Ana Rosa é reconhecido pelo pai. A memória, nesse caso, atua como reapropriação histórico (RICOEUR, 2005, p. 01), em que a própria história instruiu na sua formação, ao mesmo tempo em que a feriu:

Uma recordação surge ao espírito sob a forma de uma imagem que, espontaneamente, se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado. Encontram-se reunidos três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência, a anterioridade. Para o dizer de outra forma, a imagem-recordação está presente no espírito como alguma coisa que não está mais lá, mas já esteve (RICOEUR, 2003, p.2).

Assim, as lembranças que K. julgava já esquecidas, aparecem diversas vezes na narrativa de *relato de uma busca* em forma de recordações do seu passado antes de vir ao Brasil, fugindo da ameaça nazista; como a já citada procura pela sua irmã presa nos campos de concentração ou mesmo a sua própria prisão na Polônia:

Lembrou-se novamente de quando o arrastaram acorrentado pelas ruas de Wloclawek para humilhá-lo perante os comerciantes. Agora também se arrastava, alquebrado, embora sem correntes. [...] haviam se passado quatorze meses da impensável desapareção da filha. (KUCINSKI, 2014, p.172)

O passado encontra-se sob o signo da ausência: mesmo não estando mais na mente, significa que já esteve, conforme Ricoeur (2003, p.2) é o “tendo estado” que a memória busca recuperar. Quando essa busca por lembranças termina, tem-se início o reconhecimento: o passado é reconhecido como processo que, de fato, aconteceu.

O pai só dar-se conta do sumiço de sua filha após esta cessar as visitas que lhe fazia ocasionalmente: “Associava o domingo à filha desde quando lhe trazia regalos no dia da feira” (KUCINSKI, 2014, p.14). Decide ir à sua procura; é onde começa a busca e a descoberta de fatos que ele, até então, desconhecia. Resolve primeiramente ir ao local de trabalho de Ana, na Universidade de São Paulo (USP) onde lecionava como professora assistente no setor de química. Lá, descobre que a Ana Rosa não comparecia ao emprego fazia já duas semanas: “Sim, com certeza, onze dias, contando dois finais de semana. Ela que nunca deixara de dar uma única aula.” (KUCINSKI, 2014, p.15) Tendo em mãos o endereço que a herdeira tinha lhe fornecido,

mais uma vez depara-se com a falta de informações concretas, dessa vez através da casa, cujo estado de correspondências indicava abandono. Lembra-se das evasivas da filha, orientando-lhe a visita apenas se algo grave acontecesse ou telefonemas em caráter de urgência: “Um absurdo ele não ter questionado isso de só visitar se for grave, de só telefonar se for urgente. Onde ele estava com a cabeça?” (KUCINSKI, 2014, p.16)

A negação ante o sumiço da filha se transforma diante do desaparecimento real, levando K. a extremos tais como procurar o paradeiro dela através de informantes. A busca do pai também o coloca em contato constante com órgãos como a Arquidiocese de São Paulo e a Anistia Internacional: “O arcebispo havia convocado uma reunião com familiares de ‘desaparecidos políticos’. Estava escrito assim mesmo(...)” (KUCINSKI, 2014, p.20). O polonês passa a conhecer uma vida paralela da professora, na qual a filha havia casado e compartilhava momentos com parentes do marido, situações que ele, como pai, já não vivenciava, seja pelo estudo prioritário do iídiche ou pela relação conturbada da filha com a madrasta. É como se ele só voltasse a conhecer a filha depois do seu desaparecimento: “Quando aquela moça se aproximou na reunião dos familiares dos desaparecidos e se apresentou, eu sou a cunhada de sua filha, K. percebeu a vastidão da outra vida, oculta, da filha.” (KUCINSKI, 2014, p.42)

Mesmo em meio à rede de farsas que tentam colocá-lo, K. permanece resoluto à procura da herdeira, o que acaba fazendo com que o governo se pronuncie a respeito dos supostos desaparecidos políticos, ora ocultando algum caso, ora desmentindo veementemente que a professora e seu marido constassem nos registros oficiais do governo, diluindo ainda mais a esperança do pai judeu:

Eis que, ao final, aparece uma referência à filha de K. Dela, diz o comunicado, assim como do marido e dois outros, não há nenhum registro nos órgãos do Governo. Os militares cumpriram a promessa do presidente à luz da doutrina da guerra psicológica adversa. [...] a falsa lista revelou-se arma eficaz de uma nova estratégia de tortura psicológica [...] (KUCINSKI, 2014, p.67).

Nesse excerto, depois de uma manifestação por notícias de desaparecidos políticos, o governo toma voz, negando casos e subvertendo

informações, fazendo aumentar a angústia dos familiares e amigos de quem se encontrava na lista do “sumidouro de pessoas” (KUCINSKI, 2014, p.23).

Kucinski (2014) estrutura seu texto de forma autoficcional, dessa forma, o autor faz referências a episódios ocorridos durante a ditadura militar brasileira para validar o contexto de sua narrativa, mencionando nomes muito conhecidos naquela época. No capítulo *Sorvedouro de pessoas*, uma reunião com parentes de “desaparecidos políticos” traz à tona a luta armada no Araguaia e a morte de Marighella, por exemplo. Ocorre também alusão ao Ato Institucional que restringia os direitos dos civis dos cidadãos: Nas prisões de motivação política, os tribunais estavam proibidos de aceitar pedidos de habeas corpus. Não há nada que o advogado possa fazer. Nada. Esta é a situação. (KUCINSKI, 2014, p.17)

Além disso, casos de repercussão como o suicídio de Frei Tito, o envolvimento dos freis dominicanos na luta contra a ditadura; e o da estilista Zuzu Angel, cujo filho também foi dado como desaparecido por agentes do governo também são citados no *relato*: “ Eu não sei desse padre que se matou por causa dele, não sei de tudo, mas o que sei já me deixa mal. Eu li a história [...]. No dia que prenderam os dominicanos ele festejou.” (KUCINSKI, 2014, p.107). Inere-se, a partir dessas informações, tratar-se dos episódios citados anteriormente; nesse, o grupo de frades dominicanos que auxiliavam na resistência à ditadura, foram presos sob o comando de Fleury e usados como isca para a captura do líder da ALN, Carlos Marighella, emboscada que acabou resultando na morte do mesmo.

K., a partir do momento em que decide ir à procura de Ana, passa a contabilizar os dias e semanas de seu desaparecimento, a angústia e desilusão do pai aumentam à medida que a esperança de encontrar a filha viva diminuem: “Há cinco semanas a filha está sumida, diz. Cinco semanas, repete.” (KUCINSKI, 2014, p.29). O pensamento de K. muitas vezes elaboram-se junto às lembranças de um passado histórico:

[...] é verdade que quando chegou ao Brasil em 1935, fugido da polícia polaca, os patrícios o alertaram contra os espias de Getúlio. [...] pois o Getúlio não descobriu o esconderijo de Olga e de tantos outros através dos informantes? O que ele fez com Olga foi repugnante. (KUCINSKI, 2014, p.31)

O desaparecimento da filha por motivos políticos reaviva em K. episódios marcantes da história política de nosso país. O medo de acontecer com a química o mesmo que ocorreu com a militante alemã e seu refúgio no Brasil se fazem presentes nas lembranças do pai. A memória histórica aqui é construída a partir de acontecimentos que o escritor ídiche não presenciou, mas que é por pertencer à memória coletiva de um povo. É o que confirma Halbwachs (1990, p.54):

[...] esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas.

K. passa por duas ditaduras após sua imigração para o Brasil, a recordação do primeiro governo ainda permanece viva em sua mente e, agora, uma familiar próxima o envolve com mais profundidade na luta histórica.

O decorrer da procura de K. traz consigo a angústia da falta de informação e a falsa solidariedade de quem se propõe a ajudar. A melancolia começa a tornar-se característica de K., em meio ao sofrimento da busca, a esperança de um reencontro e o confronto com informações falsas:

[...] no seu íntimo transtornado, o enigma dos recuos vai se autodecifrando implacável. Sente, com nó no peito, que algo escabroso aconteceu, a ponto de assustar e fazer recuar as pessoas que queriam ajudar- sente que sua filha foi tragada por um sistema impenetrável, diferente de tudo o que ele havia conhecido, mesmo na Polônia (KUCINSKI, 2012, p.34-35).

A auto rejeição do pai polonês vem da desatenção delegada à filha enquanto viva: “O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima” (FREUD,2011, p.36), o pai passa a se punir e recriminar pelo seu distanciamento da filha; nada mais lhe interessa a não ser encontrá-la, sua vida passa a ser resumida pela procura incessante pela professora desaparecida, os amigos e clientes afastam-se mediante seus lamúrias e tristeza pela filha : “[...] Vai aos jornais, marcha com destemor empunhando cartazes na cara da ditadura, desdenhando da polícia; desfila com as mãos na Praça de Maio, mortas-vivas a assombrar os vivos[...] nada o atemoriza.” (KUCINSKI, 2014, p.89). K. já não

busca mais a filha com vida, mas insiste em lembrar sua memória enquanto está vivo.

A luta clandestina da filha reverbera em K. o seu tempo de militância; as evasivas da filha a respeito de sua vida fazem surgir em no pai o sentimento de culpa por não ter compreendido uma situação já experimentada por ele quando jovem: “[...] Surpreendera-o a revelação de sua militância política, embora fosse tradição de família [...] mas, uma vez revelado esse ativismo, de modo trágico, entendeu as razões do segredo [...] .” (KUCINSKI, 2014, p.44)

O polonês se martiriza pela suposta predileção da filha pela família do noivo, uma vida desconhecida por ele, onde Ana era amada e aceita, contrastando com o que a jovem encontrava na casa do pai, onde era rejeitada pela madrasta e prescindida pelo pai em favor de seus estudos e encontros com escritores de iídiche: “Acabou a família e para ele só existe agora o iídiche.[...] Você acredita que eles se reúnem todas as semanas?” (KUCINSKI, 2014, p.49), no fragmento, a filha desabafa a uma amiga o desprezo pela rotina do pai.

Pelegri (2010, p.134) fala da representação da violência na literatura como sendo aquela em que se faz uso da força para provocar danos físicos ou psicológicos. Em *relato de uma busca*, diferentemente de narrativas de cunho testemunhal autobiográfico, as marcações de violência são pautadas por conjecturas ou pensamentos não oralizados de alguns personagens:

[...] o pior foi ontem, quanto eu falei em sacrificar a cadela, levei o maior esporro, me chamou de desumano, de covarde, que quem maltrata cachorro é covarde; quase falei pra ele: e quem mata esses estudantes coitados, que têm pai e mãe, que já estão presos, e ainda esquarteja, some com os pedaços, não deixa nada, é o quê? (KUCINSKI, 2014, p.65)

A voz silenciada desses mortos aparece na fala de seus próprios algozes; o paradoxo presente no fato de preterir a morte de um ser humano a de um animal de estimação revolta um dos funcionários da delegacia, aqui, somente é colocada a ação que era realizada com alguns dos presos contrários ao governo, a violência explícita só é exposta na fala de um dos visitantes, já discorrida no capítulo teórico. Em outro excerto, K. recorda a teia de mentiras a que era submetido:

Os militares cumpriram a promessa do presidente à luz da doutrina da guerra psicológica adversa [...] a falsa lista revelou-se arma eficaz de uma nova estratégia de tortura psicológica. Teria sido melhor não dizerem nada, raciocina K. (KUCINSKI, 2014, p.67)

As mentiras transmitidas aos familiares dos desaparecidos são oficializadas nos meios de comunicação; omissões de nomes assim como “acidentes” com militantes opositores eram comuns no período de ditadura. A violência psicológica também era rotineira no cotidiano dos prisioneiros e seus familiares; os primeiros durante sessões de tortura, os segundos quando em busca de notícias, privados de respostas; o trauma assim se elaboraria no âmbito individual e coletivo além de, sendo um episódio de excesso ao qual o sujeito não está devidamente preparado e, muitas vezes, dependendo do tipo e da intensidade, capaz de promover sequelas por toda a vida.(GINZBURG, 2010, p.99)

No capítulo *Matzeivá* K. já não tem mais esperanças de encontrar a filha com vida, sua única preocupação é proporcionar um ritual de enterro mesmo sem o corpo comprobatório do final humano: “O que você está me pedindo é um absurdo, colocar uma lápide sem que exista corpo...” ( KUCINSKI, 2014, p.77); a fala do rabino procurado pelo escritor iídiche recusa de imediato a colocação de uma lápide ao lado do túmulo da mãe de Ana.

A justificativa para a negação do sepultamento da professora é acompanhada sempre da mesma indagação: “Mas ela não era comunista?” (KUCINSKI, 2014, p.81), essa alegação, reforçada a um dos princípios do judaísmo, no qual os que se casam com não judeus não podem ser sepultados em cemitério judaico, revolta o polonês, que reflete a sua dor como uma forma de continuação do Holocausto:

[...] A falta de uma lápide equivale a dizer que ela não existiu e isso não era verdade: ela existiu, tornou-se adulta, desenvolveu sua personalidade, criou o seu mundo, formou-se na universidade, casou-se. Sofre a falta dessa lápide como um desastre a mais, uma punição adicional por seu alheamento diante do que estava acontecendo com a filha bem debaixo de seus olhos. (KUCINSKI, 2014, p.79)

Para K. a ausência de um túmulo repercutia como castigo a ele, uma consequência de seu desinteresse pela vida da filha e, depois, pela morte que não conseguiu evitar, fazendo suscitar a reclamação comum aos familiares de desaparecidos políticos: “nem enterrar podemos” (KUCINSKI, 2014, p.87).

Em *Imunidades, um paradoxo* a vida de K. é desenhada a partir da condição de “desaparecida” da filha: após colocá-la em segundo plano para os estudos de iídiche; de descobrir um outro lado da química e, tendo procurado seu paradeiro de todas as formas e em todas as instituições possíveis, o escritor judeu já não tem mais esperança de encontrar a Ana com vida, a esperança dá lugar ao dor e angústia:

[...] no começo, o pai à procura da filha desaparecida age com cautela. Depois, quando se passaram muitos dias sem respostas, esse pai ergue a voz; angustiado, já não sussurra, aborda sem pudor os amigos, os amigos dos amigos e até conhecidos; assim vai mapeando, ainda como cego com sua bengala, a extensa e insuspeita muralha de silêncio que o impedirá de saber a verdade. Descobre a muralha sem descobrir a filha [...] (KUCINSKI, 2014, p.89).

Se antes, o receio de não saber o que teria acontecido com a filha, o julgamento da comunidade, e o próprio medo impediam o pai de vociferar contra o sumiço da militante, a busca por uma resposta desfaz qualquer medo inicial; a necessidade de viver o luto torna-se primordial. A transformação do imigrante judeu o faz esquecer-se da sua poesia e do ensino do iídiche para refletir sobre os possíveis caminhos de Ana até a sua morte: “Outro ano mais, e a ditadura finalmente agonizará, assim parece a todos; mas não será a agonia que precede a morte, será a metamorfose, lenta e autocontrolada” (KUCINSKI, 2014, p.90).

Em *Um inventário de memórias* o escritor polonês encontra fotografias da filha nunca vistas por ele, momentos que, como pai, desconhecia e até mesmo não recordava: “Parecem captar a alma da filha. Sentiu um quê de fantasmagoria nas fotografias dela já morta, um estremecimento” (KUCINSKI, 2014, p.115). A culpa o invade, pois acha que sua pouca atenção com o cotidiano de Ana afastou-a, relegando parte de sua vida:

Pensa: se tivesse levado ao tal médico do Rio um álbum inteiro de fotografias da filha, desde o seu nascimento até a véspera da desapareição, acompanhando toda a sua vida, mostrando-a por inteiro, talvez ele a teria reconhecido e esclarecido o que aconteceu. Mas ele não tinha um álbum de fotografias da filha. Tão ocupado com a literatura e seus artigos e jornais, disso nunca havia cogitado (KUCINSKI, 2014, p.119).

As lembranças de Ana, agora, alcançam a memória do pai como forma de aproximação que não foi semeada enquanto viva. As fotos auxiliam o pai na

reconstrução de lembranças do passado, assim como os depoimentos, relatos e confidências daqueles que estavam em contato diário ou recorrente com a professora também ajudam o polonês a elaborar um presente mais realista do que a filha vivia.

Em *relato de uma busca* há a introdução de histórias paralelas que auxiliam na construção do contexto em que K vivia; nelas, personagens alheios ao pesquisador iídiche dão forma às situações relacionadas ao desaparecimento de Ana Rosa e a inesgotável procura do pai: “[...] é porque não quer aceitar que a filha já era. Se recusa. Daí se agarra em qualquer coisa” (KUCINSKI, 2014, p.71), nesse fragmento, o leitor vislumbra o diálogo entre agentes do governo, dando conta da morte da professora e as tentativas de confundir o polonês; já no capítulo *A terapia*, uma ex detenta narra a uma psicóloga o porquê de seu pedido de aposentadoria precoce: trabalhando para Fleury em serviços de limpeza: “Quem me arranjou o emprego foi um delegado, o delegado Fleury.” (KUCINSKI, 2014, p.123), presenciou cenas que terminaram traumatizando-a:

Lá no andar e baixo, além das celas, também tinha uma parte fechada, onde interrogavam os presos, era coisa ruim os gritos, tem muito grito nos meus pesadelos. [...] um dia apareceu um rapaz tão bonito [...], a perna uma ferida só, esse eu ajudei de verdade, de coração, não foi fingimento [...] (KUCINSKI, 2014, p.127-128).

[...] A garagem não tinha janela, e a porta estava trancada com chave e cadeado. Uma porta de madeira. Mas eu olhei por um buraco que eles tinham feito para passar a mangueira de água. Vi uns ganchos de pendurar carne igual nos açougues, vi uma mesa grande e facas igual de açougueiros, serrotes, martelo. É com isso que tenho pesadelos. (KUCINSKI, 2014, p.132)

A famosa “Casa da Morte” é citada por Jesuína como um lugar de prisões, torturas e, quase sem exceção, de mortes de presos políticos resistentes à ditadura. Esse episódio é retomado em *Os visitantes* (2016), onde um ex-delegado do Dops relata as mortes de alguns presos na casa; acontecimentos esses manifestados de forma real durante o período em que os militares governaram o país, assim ocorrendo relação entre a reapropriação do passado histórico e a memória aludidos por Ricoeur (2003, p.01).

No capítulo *O abandono da literatura* K. decide escrever sobre sua caminhada em busca da filha: a descoberta de seu desaparecimento, a quem



recorreu, os diálogos e a desesperança pelas falsas informações a ele ditas, tendo por fim a impossibilidade de reencontro com a química. As palavras se perdem, e é onde ele percebe que a língua que tanto apreciava, o iídiche, era incapaz de expressar o sentimento que o arrebatava:

[...], mas ao tentar reuni-los numa narrativa coerente, algo não funcionou. Não conseguia expressar os sentimentos que dele se apossaram em muitas das situações pelas quais passara [...]. Era como se faltasse o essencial; era como se as palavras, embora escolhidas com esmero, em vez de mostrar a plenitude do que ele sentia, ao contrário, escondessem ou amputassem o significado principal. (KUCINSKI, 2014, p.135)

Para Ginzburg (2010, p.31) a necessidade de falar do ocorrido conflita com a insuficiência da linguagem para narrar o dano causado pelo trauma. Dessa forma, além da barreira semântica, o entrave moral ultrapassou a vontade de narrar a busca pelo paradeiro da filha:

Aos poucos K. foi se dando conta de que havia um impedimento maior. Claro, as palavras sempre limitavam o que se queria dizer, mas não era esse o problema principal. Seu bloqueio era moral, não era linguístico: estava errado fazer da tragédia de sua filha objeto de criação literária, nada podia estar mais errado. Envaidecer-se por escrever bonito sobre uma coisa tão feia. (KUCINSKI, 2014 p.136)

Segundo Seligmann (2008, p.01) o testemunho existe sob o signo do colapso e da impossibilidade, ainda assim, momentos como o que K. vivencia, estando retidos no campo traumático, permanecem intactos na memória, mesmo não externados na escrita. A necessidade de contar aos sobre o desaparecimento da filha torna-se secundária, confrontando-se com a inviabilidade do ato de escrever. K. assim relembra não só a quase extinção de uma língua pouco falada pelo seu povo, quanto a morte que cercava a química durante seus momentos de reclusão: uma língua *quase* morta e a filha já morta.

Os capítulos finais de *relato de uma busca* enfatizam o caráter autoficcional da obra de Kucinski (2014) somados a eventos que o pai judeu participa depois de perdida a esperança de encontrar a filha viva. *A reunião da congregação* dramatiza como teria ocorrido a demissão da professora de química: mesmo diante de informações e dados que confirmavam a prisão e desaparecimento de Ana Rosa e o marido pelos órgãos de repressão, a

instituição na qual trabalhava convoca professores do setor de química para decidirem a respeito do processo requerido contra a militante:

Estamos no dia 23 de outubro de 1975. Passaram-se dezenove meses desde o desaparecimento da filha de K., lotada nos quadros da universidade como professora assistente doutora. Na ordem do dia consta o processo 174 8999/ 74 da reitoria pedindo a rescisão do seu contrato “por abandono de função” [...] (KUCINSKI, 2014, p.152).

O narrador reflete a decisão quase unânime de confirmarem a demissão de Ana Rosa em vez de considerarem o contexto de seu afastamento forçado. Os nomes dos envolvidos na resolução são colocados, conservando a autenticidade de cada um; apenas seus pensamentos são presumidos por quem narra: “Não sabemos o que passou pela sua cabeça durante a reunião, podemos apenas imaginar” (KUCINSKI, 2014, p.152).

Assim, cada consideração dos presentes na assembleia reflete uma suposição do que poderiam ter pensado a respeito da situação: “[...] todo mundo sabe que a professora foi presa pelos órgãos de segurança. O pai esteve aqui, teve anúncio no jornal, reportagem, a lista de vinte e dois desaparecidos do cardeal [...]” (KUCINSKI, 2014, p.154). Uma retomada de vários episódios da narrativa é feita, colocando na fala dos personagens variações a favor e contra o processo de demissão de Ana, terminando no desligamento da professora da Universidade.

Em *As ruas e os nomes*, após uma homenagem aos desaparecidos políticos proposta por um vereador, o imigrante polonês medita sobre os nomes dados às ruas e avenidas brasileiras, que lembravam constantemente pessoas conhecidas por atuarem com violência em intervenções políticas: “Como foi possível nunca ter refletido sobre esse estranho costume dos brasileiros de homenagear bandidos e golpistas, como se fossem heróis ou benfeitores da humanidade” (KUCINSKI, 2014, p.163-164). Essa indagação do escritor iídiche vai ao encontro do que afirma Pollak (1989, p.03): “A nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva”; dessa maneira, as intitulações dessas ruas permanecem até hoje como marca de um passado histórico vivido pela sociedade brasileira.

*Sobreviventes, uma reflexão* inicia com o narrador-onisciente do *relato* delineando algumas observações sobre aqueles que, passando por eventos catástrofes, lidam com a dor e a culpa por terem sobrevivido à morte de pessoas próximas:

Embora cada história de vida seja única, todo sobrevivente sofre em algum grau o mal da melancolia. Por isso, não fala de suas perdas a filhos e netos; quer evitar que contraiam esse mal antes mesmo de começarem a construir suas vidas. (KUCISNKI, 2014, p.196)

Além disso, a indagação recorrente do porquê de terem resistido, enquanto outros não, atormenta a mente durante anos, quiçá, décadas. A culpa é elemento constante; o que sobrevive vive a refletir se a reação diferente a determinados fatos mudaria o curso da tragédia que o abateu. As indenizações pagas aos familiares soam como forma de “enterrar o passado sem enterrar os mortos”: O totalitarismo institucional exige que a culpa [...] permaneça dentro de cada sobrevivente como drama pessoal e familiar e não como tragédia coletiva que foi e continua sendo, meio século depois”. (KUCINSKI, 2014, p.169).

É o que afirma Seligmann (2008, p.69) ao colocar o trauma como a memória “do passado que não passa”: “Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente” (SELIGMANN, 2008, p.69). Mesmo com reconsiderações governamentais que reavivam a memória do morto, e a utilização de meios que buscam amenizar questões financeiras, a presença do sofrimento naquele que aqui ficou supera essas tentativas de mitigar a ausência física do familiar desaparecido. A lembrança do que ocorreu com aquele que se foi é constante, pois:

[...] A morte, que põe fim à vida fisiológica, não interrompe bruscamente a corrente dos pensamentos, de modo que eles se desenvolvem no interior do círculo cujo corpo desapareceu. Algum tempo ainda nós o imaginamos como se ainda vivesse, ele permanece engajado à vida quotidiana, imaginamos o que ele faria e diria em tais circunstâncias. (HALBWACHS, 1990, p.74)

Por conseguinte, não é difícil entender o porquê de tempos depois morte do ente querido, seus supostos e atitudes pensamentos ainda permeiem a

mente dos familiares, ainda mais se considerarmos o contexto em que foi ocasionado o seu silenciamento, como na narrativa comentada.

*No barro branco* K. tenta, em um quartel repleto de presos políticos, colher informações que o levem ao corpo da filha e do genro. Carrega consigo chocolates e cigarros, o que o faz lembrar quando ele próprio esteve preso na juventude:

[...] então se lembra da primavera quente polonesa em que a mãe lhe foi levar na prisão as comidas do Pessach [...]naquela prisão polonesa ele descobriu a importância dos cigarros e barras de chocolate. Era o que ele trazia agora, aos presos do Barro Branco. Levava na sacola a sua identificação, a sua memória, a sua prestação de contas; um ciclo de vida se completava, o fim tocando o início [...] (KUCINSKI, 2014, p.173)

Conforme Halbwachs (1990, p.48) a história escrita se distinguiria da história vivida pelo fato dessa poder construir um “quadro vivo” em que o pensamento se apoiaria, conservando e reencontrando uma imagem do passado. Na visita aos detidos as lembranças de K. surgem, reconhecendo o seu olhar no olhar do outro: “Era o seu olhar de cinquenta anos atrás.” (KUCINSKI, 2014, p.173). Os presos, solidários ao escritor iídiche, o escutam com empatia; alguns até mesmo chegaram a conviver com a filha do polonês, a certeza de sua morte, por parte deles, era conhecida. A busca de K. termina com uma profunda emoção do pai que, levado a uma cela para descansar, reflete os pensamentos de liberdade daqueles que ali viviam.

O *relato* finaliza com uma carta trocada entre dois militantes da resistência: Rodriguez para Klemente; nela, o ativista retrata um fim próximo dos movimentos contrários ao governo militar, alguns nomes e episódios da memória histórica desse período são aludidos, além de contradições presentes no próprio grupo de dissidência do qual participavam. Por fim, Rodriguez declara-se morto quando o colega receber a carta: “Esta é a última mensagem que V. receberá e mim. É possível que ao recebê-la eu e minha companheira já estejamos mortos.” (KUCINSKI, 2014, p.180); é o fim conhecido, mas nunca esclarecido por completo de Ana e Rosa de seus companheiros de luta.

Lançado em 2016, *Os visitantes*, apesar de não obrigatoriamente, funciona como uma espécie de “complemento”, uma auto recepção de *K.-relato de uma busca*, em que alguns dos supostos personagens relacionados em *K.* e leitores da “novela” visitam o autor-ficcional, fazendo-o refletir sobre o enredo criado; ora elogiando, ora repreendendo-o por ter utilizado informações equivocadas ou mesmo inverídicas. Aqui, podemos observar com mais clareza a autoficção presente na narrativa: narrador e personagem tornam-se um só, mantendo episódios próximos à vida do próprio Kucinski (1937). E é isso buscamos revelar na análise de *Os visitantes*, ligando conceitos e exemplos de autoficção já observados em *Relato de uma busca*, juntamente à indagação constante do narrador-personagem sobre o insucesso de sua obra perante o público.

O enredo inicia-se repetindo a mesma colocação realizada em *K.*: “Tudo aqui é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2016, p.10); essa talvez seja a frase mais significativa ao tratarmos, de fato, da autoficção nas leituras em questão, colocando o leitor em constante alerta sobre o que é invenção (ficção) e aquilo que realmente ocorreu:

Angústias, histórias mal resolvidas, traumas, dores, relações familiares conflitantes, heranças familiares, culturais, religiosas insatisfações, são “motivos impulsionadores”, motes que levam essas pessoas a escrever um romance, uma literatura, por vezes testemunhal, confessional, memorialista, mas também ficcional. Autoficção. (FAEDRICH, 2014, p.59)

Kucinski dedica a nova trama à memória de Ana Rosa e Wilson, constatando a livre inspiração na história da irmã. A autoficção acaba por deixar o autor sem o controle de escrita, constituindo a linha tênue entre realidade e ficção que observamos em obras como as analisadas. A vontade de expor sua história, pensamentos e traumas perpassa a fluidez de um enredo comumente linear. É o que enfatiza Faedrich (2014, p.22) ao afirmar que a autoficção não condiz a uma retrospectiva comum às autobiografias, antes, seu tempo é localizado no presente, obedecendo a ordem de ações e pensamentos vigentes no agora: “Reagi indignado. Disse-lhe: Pois saiba que a novela escreveu-se quase por si mesma[...]” (KUCINSKI, 2016, p.18)

As visitas ao narrador- personagem vão percorrendo a narrativa de *Os visitantes*, os encontros com leitores e personagens da novela por ele escrita o coloca em conflito com a história de sua vida e a de pessoas que vivenciaram trauma. O autor sofre uma espécie de confronto narrado em doze capítulos curtos, cada qual correspondente a uma visita. A primeira visitante indaga ao autor ficcional do referido romance se o testemunho relatado na obra representa com fidelidade a dor daqueles que passaram por situações análogas a de Ana Rosa:

[...] minha irmã Blima e meus sobrinhos desapareceram igual a professora de química de seu livro, e não tem registro em lugar nenhum. Eu disse que lamentava. Ela disse: De que adianta o senhor escritor lamentar? O senhor precisa corrigir; como está é um desrespeito aos milhões que foram desaparecidos. (KUCINSKI, 2016, p.13)

No fragmento acima, a personagem do trecho vem, além de relembrar uma memória de sua vida, contestar o escritor sobre informações ‘incorretas’ colocadas no relato: segundo ela, não havia contagem de prisioneiros nos campos de concentração na Alemanha; apenas os que eram colocados em trabalhos forçados eram enumerados, e somente em um campo em particular. Essa informação veio a Kucinski (2016) depois que um historiador, leitor de *K*. lhe esclareceu esse detalhe; vejamos que, através de seus personagens, Kucinski procura reparar a informação equivocada colocada no romance: “[...] O senhor escritor escreveu que os alemães registravam todas as pessoas que matavam, mas isso não é verdade! Só registravam os que eram separados para o trabalho forçado, e só em Auschwitz. [...] Seu livro está errado.” (KUCINSKI, 2014, p.12)

Assim, a senhora Ihe revela então, ter sido uma prisioneira durante a Segunda Guerra Mundial e, tal como a esposa de K., também havia perdido sua família durante domínio nazista; o narrador refuta, afirmando que tudo aquilo lido no romance não passava de invenção:

Senhora Regina, meu livro não é um tratado de história, é uma novela de ficção, e na ficção o escritor se deixa levar pela invenção [...]. Expliquei que os escritores às vezes se valem de fatos reais para criar uma história, e podem até torcer os fatos, para dar mais força à história. (KUCINSKI, p.12, 2014)

Faedrich (2014, p.23) atesta que, ao entrarmos em contato com uma leitura autoficcional, devemos tratá-la como tal, mesmo havendo igualdade de nome autor, narrador e personagem, a leitura deve ser marcada por essa ambiguidade. É interessante notar que, a partir de diálogos entre seus personagens, Kucinski (2016) elenca, mesmo que despropositadamente, algumas das características da autoficção, dentre elas, a fabulação a partir dados reais.

Após a visita da senhora judia, uma amiga da irmã do narrador-personagem é recebida, esse, confunde-se ainda com o escritor ficcional, descrevendo sensações e pensamentos: “Ainda remoía a censura da senhora Regina quando recebi, dias depois, outra visita inesperada” (KUCINSKI, 2016,p.14), a visita relembra a carta trocada entre a professora e uma amiga em comum, onde a militante política compartilha detalhes de sua vida, assim como seu medo por vivenciar a luta armada. A relutância de uma das amigas em ler *K.* é demonstrada na repreensão da mesma: “Reconheceu que escrever bem é com você mesmo, mas tinha que ser o contrário, tinha que ser um livro sujo, como foi sujo tudo aquilo, tinha que ser como um vômito [...]” (KUCINSKI, 2014, p.18)

O reclame das amigas estava no fato de acharem que o escritor, irmão de Ana Rosa buscava um reconhecimento literário, muito mais do que mostrar à sociedade um testemunho do que aconteceu com a irmã e muitas outras pessoas que lutaram contra o governo. Apesar dessa contestação, Nestrovski (2004) alude o testemunho como algo irrepresentável visto que, geralmente, as testemunhas de um evento catástrofe são eliminadas daquele evento e, os que sobrevivem teriam de lidar com a dificuldade de expor seu testemunho; a memória estaria, nesse caso, ligada a uma forma de esquecimento e, a escrita, seria uma forma de fuga da realidade atormentada daquele que escreve.

O terceiro visitante aparece ao escritor em forma de sonho: é seu pai, K., personagem do livro que leva seu nome no título. No sonho, o narrador assume invejar o reconhecimento do pai por ganhar um prêmio literário enquanto sua novela não obtinha a expressão desejada. Porém, mesmo com a condecoração, o pai desinteressa-se da premiação, abdicando de qualquer

glória que seu trabalho pudesse lhe trazer ante o desaparecimento da filha. No devaneio, o escritor ídiche rememora uma viagem que realizara junto a ela ao Chile e Uruguai, antes desses serem submetidos a regimes autoritários; o narrador-personagem aparece sendo recriminado pelo pai, que o julga por não observar no comportamento da professora indícios de perigo e de relutar em denunciar o governo autoritário da época: “Você falhou. Tinha acesso aos jornais ingleses, trabalhava na BBC de Londres e se calou” (KUCINSKI, 2016, p.23), mesmo esta informação estando em coerência com um episódio verídico da vida de Kucinski, Klinger ( 2016, p.40) alerta que a ficcionalidade, ao tratarmos da escrita de si, se faz superior a autobiografia do escritor, pois a prioridade desse é elaborar um texto literário, ainda que aspectos de sua vivência sejam elementos constantes em seu texto: isso consistiria na impessoalidade prévia referida por Barthes (2004, p.2), em que a linguagem ultrapassaria qualquer espécie de propriedade autoral.

O narrador-personagem recebe mais uma visita: um amigo que ajudou na publicação da novela preterida. Nesse capítulo o escritor da narrativa procura desvencilhar a sua voz dos personagens do relato quando censurado por ter descrito a irmã como feia; ele refuta: “[...] Mas quem fala é a mãe, não o narrador” ( KUCINSKI, 2016,p.26), aqui, a polifonia de vozes se faz presente em três personagens, uma diferenciação não muito explícita, mas instigante na narrativa: Kucinski escreve, o narrador-personagem cria a narrativa e coloca na mãe o pensamento discutido pelo amigo. É também nesse capítulo que ambos teorizam a respeito da rejeição da mãe com a filha: a gestação da matriarca tem início quando ela e o marido imigram para o Brasil, durante a gravidez, a polonesa sofre por não ter notícias da família que ficou sob o governo nazista. Já depois do parto, tem a certeza de ter tido seus parentes dizimados: “Penso que na cabeça da mãe a gravidez ficou associada ao extermínio [...] uma gravidez angustiante na qual sentir alegria implicava sentir culpa” (KUCINSKI, 2016, p.28).

Essa dificuldade de resiliência após eventos traumáticos referida por Pollak (1989, p.13) impede a continuação de si e a reconstrução da história de quem vivenciou o trauma. A culpa que muitas pessoas sujeitas a períodos tortuosos, como o que a mãe passou, sentem, por sobreviverem enquanto seus



próximos estão mortos, a distanciou ainda mais da filha, rejeitando-a diante da possibilidade de um (re) nascimento e, mesmo após o período de luto percorrido durante a infância de Ana, os pais abstiveram-se de dialogar sobre o período de guerra do qual fugiram: “Teus pais não falavam da guerra? Jamais, nem da guerra nem do extermínio; acho que queriam nos poupar” (KUCINSKI, 2016, p.27), a quietude sobre esse episódio da vida dos progenitores se concretizaria pelo uso do silêncio como meio de diálogo: “Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio- diferente o esquecimento- pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção de comunicação com o meio ambiente.” (POLLAK, 1989, p.14):

A escolha dos pais de não conversarem sobre o extermínio dos familiares provocou um afastamento dos filhos, ao passo que essa opção, para eles, seria a mais adequada para não haver o sofrimento externado e a constante recordação do passado nunca esquecido. Além disso, a melancolia, caracterizada por Freud (2011, p.81) como uma patologia de maior duração que o luto, foi, para a mãe, um fator de reserva do cotidiano familiar, um aspecto que parece incorporado a quem sobrevive, tal como sugerido por Seligmann (2008, p.69).

O autor-narrador é novamente visitado; dessa vez por alguém que também se denomina um personagem da novela do narrador “Seu livro fala de um roteirista de novelas de tevê que entregou mais de trinta e pensei que o tal só podia ser eu.” (Kucinski, 2016, p.33); o escritor ficcional mais uma vez reclama a autoria das falas aos personagens, numa tentativa de amenizar as recriminações que vem sofrendo pelos visitantes: “[...] quem fala na novela é o Fleury, fala de um preso que ele interrogou” (KUCINSKI, 2016, p.33). Terminada a discussão sobre o a identidade do preso citado por Fleury, o narrador-personagem comenta com o visitante como tinha sido difícil discorrer os episódios de modo ficcional, colocando nuances que auxiliariam na separação entre o ficcional e não ficcional:

A ficção contemporânea é, em alguma medida, pós-kafkiana, é contundente e econômica, como em Kafka, mas se confunde com histórias da vida dos autores. Perguntei: Como se fossem testemunhos? Não, estou falando de ficção. (KUCINSKI, 2016, p.38)

Nesse excerto, Kucinski promove o diálogo entre seus personagens, levando a uma discussão sobre a estrutura de *K.*: por meio de situações verídicas e nomes públicos, fica evidenciada a natureza biográfica da narrativa, ainda que a maior parte dos fatos tenha sido fabulada. Os caminhos da autoficção, proclamados por Schøllhammer (2009, p.123) se fazem presentes nos enredos analisados; a necessidade de se contar uma história e, assim, dar sentido a sua própria, proporcionaria ao narrador a oportunidade de também reconhecer-se escritor, posto isto, observamos Kucinski (1937) assumindo essa identidade e discutindo sua obra de estreia através de outra narrativa.

A sexta visitante é apresentada como sendo a ex- esposa do escritor-narrador, rápida como o número de páginas desse episódio, a visita também serve para, através da personagem, Kucinski retificar informações de sua biografia. Enquanto a visitante contesta datas e lembranças, o narrador-personagem afirma: “Na minha memória nunca sei o que aconteceu antes e o que aconteceu depois” (KUCINSKI,2016, p.41), Ricoeur (2003, p. 02) alude essa imagem-recordação ao íntimo de quem a evoca, mesmo não tendo acontecido, permanece vívida no espírito; mais ainda, essa dúvida em relação ao passado aparece como um “afundamento da ausência”, fortemente marcada pelo tempo verbal e advérbios semelhantes ao usado na fala do escritor. Por fim, o narrador rejeitado deixa perceber o rancor por não ter sua obra divulgada nas grandes livrarias.

O sétimo visitante é Lourdes, uma militante que vem agradecer ao escritor-narrador por ter colocado a carta que denunciava, em *K.*, a violência que também ocorria nos grupos que lutavam contra a ditadura. Porém, a veracidade da carta é desmentida pelo escritor: “Um texto que inventei da primeira à última linha” (KUCINSKI, p.44 ,2016). A carta tem um viés de verdadeiro que “pega” o leitor, fazendo-o refletir entre o real e o ficcional. Ao passo disso, mais uma vez nos deparamos com a voz do narrador-escritor e talvez do próprio Kucinski (p.46, 2016): “ Essa mensagem é invenção pura, não tem nada mais ficcional no livro do que essa carta”, corroborando com o que enfatiza Alberca (2005, p.12) ao ressaltar que a autoficção tem plena consciência de seu teor ficcional, mesmo que haja um constante paralelo com

o real, prevalecendo a ambiguidade no texto, independente de se ter conhecimento da vida de quem escreve.

Em *Sangue no escorredor de pratos*, o oitavo visitante aparece através de uma carta: um jornalista, Luiz de Moura, remete ao escritor sua opinião sobre o enredo de *K.*, mais especificamente o episódio em que a amante de Fleury fala sobre irmão, ex-prisioneiro dos militares. O jornalista alega tê-la conhecido na juventude e se mostra saudosos por recordar a amizade depois de passado tanto tempo: “[...] Quando me lembro de tudo isso, penso que ela também foi uma vítima[...] a irmã abnegada que ao se arriscar pelo irmão caiu numa armadilha da ditadura( KUCINSKI, 2016, p.52). A memória do leitor-visitante fora reconstruída através do diálogo de sua amiga juntamente a descrição do espaço em que habitava, contribuindo para, conforme Halbwachs (1990, p.71) “conservar e reencontrar a imagem de seu passado”.

Mais uma visita chega para o narrador-escritor, dessa vez uma ex-aluna de um professor de química que trabalhava junto à irmã do autor. A mulher desaprova o escritor por fantasiar os supostos pensamentos dos professores que votaram contra a permanência professora, mesmo sabendo tratar-se de um caso de repressão política: ‘Muita pretensão sua a de penetrar nos pensamentos dos professores’ (KUCINSKI, 2016, p.54), ao passo que o narrador-personagem retruca com a ficcionalidade de seu texto: “[...] está bastante claro que os pensamentos atribuídos aos personagens são ficção[...] (KUCINSKI, 2016,p.54). Para Faedrich (2014, p. 163) o narrador é um ser ficcional; na medida em que o autor é apagado dentro da narrativa, o narrador então seria o “ verbo criador da linguagem”, assim, por mais que haja a vontade do autor de falar sobre si, partimos da ideia de que tudo é invenção (FAEDRICH, 2014, p.107) por haver um descontrole da língua escrita.

No capítulo seguinte, intitulado *O estrangeiro*, o narrador-personagem é procurado por um estudante da Universidade Hebraica de Jerusalém, interessado em uma entrevista sobre as relações entre Brasil e Israel durante a ditadura militar. Advertindo o jovem a respeito do pouco conhecimento sobre o assunto, o recebe em sua casa; durante a conversa o escritor mostra-se surpreso por sua novela ser o assunto principal do diálogo. Interrogado sobre

lacunas de sua narrativa, o narrador ressalta o teor ficcional do texto: “Joseph, a novela é ficção” (KUCINSKI, 2016, p.61). Há também a ratificação de informações expostas no romance: “Expliquei ao rapaz que na novela quem protagoniza a procura é o pai, mas na verdade a família inteira procurou” (KUCINSKI, 2016, p.61). Em busca de uma maior ênfase para convencer o estudante da ficcionalidade do *relato*, o narrador argumenta a perda de controle da escrita, já vista em análise anterior: “[...] o capítulo foi se deixando escrever sem objetivo claro, aliás como quase toda a novela”. (KUCINSKI, 2016, p.62).

O caráter didático da explicação é empregado como recurso por Kucinski para elucidar momentos da sua biografia. Adiante, o diálogo gira em torno de aspectos históricos do contexto ditatorial brasileiro e do luto não vivenciado plenamente pelo pai da professora: “O luto é uma necessidade”, “[...] ao se decidir pela lápide, K. põe fim ao tormento da incerteza, aceita finalmente que a filha já não existe” (KUCINSKI, 2016, p. 62), reafirmando o que Ricoeur (2005, p.04) enuncia: somente através do luto haveria a possibilidade de pacificação da memória; assim, o impedimento do simbólico ao pai deteve também o alívio de sua angústia.

Recordando aspectos do governo antidemocrático de países da América Latina, o narrador vai elaborando, junto ao estudante, a memória daquele período. Para Le Goff (1990, p.410) a memória coletiva é importante não só para a construção identitária de uma sociedade como também funciona como um instrumento de poder para que se mantenha viva a recordação oral e escrita de um povo. Os dois personagens comentam as relações arbitrárias do Cone Sul e o narrador-escritor aproveita para conceder informações extras da sua novela: “[...] isso também foi inventado? Não, isso é fato. E como foi? Foi graças ao meu irmão já falecido, que morava em Israel e se empenhou para obter os salvo-condutos.” (KUCINSKI, 2016, p.67).

Segundo Costa (2013, p.23) é através da memória que se reconstitui a identidade de um ser e, é através da escrita de si, do conversar com nós mesmos, que se torna possível evidenciar o passado para explicar nosso presente. Dessa forma, o narrador, na passagem anteriormente citada, explica não só um ponto que consta em sua narrativa como também Kucinski (2016)

revive o próprio passado e o de sua família. Ao fim da visita o narrador-personagem percebe que, assim como ele, seu visitante também foi marcado por um passado traumático, sentindo assim, a empatia de dores entre ambos.

Em *O visitante derradeiro*, o narrador-personagem inicia o capítulo mais uma vez refletindo sobre o insucesso da sua novela, dessa vez, a partir da confirmação de um amigo radialista, que admite não o entrevistar por recomendações de superiores. Por uma segunda vez na história, cita Primo Levi, que através de seu testemunho denunciou as atrocidades dos campos de concentração nazista. Aguarda a visita de um amigo, lembrando que o visitante esperado havia sido preso durante a ditadura: “Disse-me certa vez que só não foi morto graças a uma reportagem em que eu descrevera o brutal assassinato de seu companheiro de cela” ( KUCINSKI, 2016, p.70) aqui, o narrador mais uma vez promove a ambiguidade onomástica e coincidência de fatos; o próprio Kucinski (1937) exerceu o jornalismo durante parte de sua vida.

Todavia, segundo Klinger (2006, p.52) não é de grande importância a relação do texto com a vida do autor, e sim a criação do “mito do escritor” por meio desse texto, pois nele o autor exporia sua performance e: “A única verdade possível reside na ficção que o autor cria de si próprio, acrescentando mais uma imagem de si ao contexto de recepção de sua obra” ( KLINGER, 2006 , p.54)

O amigo retoma a carta colocada no romance, na qual dois militantes conversam sobre situações ocorridas dentro da organização que ambos participavam: o destinatário teria se reconhecido na narrativa e, com isso, também contestado o contexto em que o evento discutido na missiva teria acontecido. Em determinado momento o narrador-personagem interroga a visita sua opinião sobre a novela, diante da negativa de uma leitura realizada, o amigo retruca: “[...] Se você quer saber a verdade, seu livro não me interessa, porque você não participou [...] Reconheço que como jornalista você foi legal” (KUCINSKI, 2016, p.72). Seligmann (2008,p.71) comenta que alguns dos sobreviventes de eventos catástrofes consideram que somente quem realmente não viveu o trauma de fato, podem escrever de melhor forma, através da imaginação. Isso iria ao encontro do que assevera Ginzburg (2010,

p.90):aqueles que sofreram traumas intensos primeiramente tem abalado a percepção da linguagem, dificultando, posteriormente, o relato do que aconteceu; segundo ele, ninguém além do próprio eu seria capaz de definir sua identidade e dar sentido à sua existência.

Por fim, o narrador-personagem reitera a ficcionalidade de sua obra, ainda que o amigo visitante sugira não usar em suas narrativas situações que reconhecidamente aconteceram, nem pessoas que pudessem identificarem-se na história contada: “Faça ficção mesmo, inventada” (KUCINSKI, 2016, p.73). No entanto, conforme Faedrich (2014, p.91) a arte, argumentada pelo protagonista-autor como sendo sua finalidade textual, é passível de ser recriada e renovada, mesmo sabendo da impossibilidade de representar a história de forma fiel, tal como solicitada pelo visitante.

O capítulo final, *Post mortem*, encerra a narrativa de *Os visitantes*: passados dois anos das visitas acontecidas ao narrador-personagem, esse repassa de forma breve o que aconteceu com alguns dos que que lhe visitaram. Mais tarde, um telefonema lhe comunica sobre uma entrevista em rede nacional de um ex delegado que teria atuado em grupos de extermínio no período da ditadura militar. Juntamente à ex, assiste a entrevista, que é repassada de forma escrita aos leitores; o entrevistado, identificado como Carlos Batalha, responde a perguntas referentes ao período que trabalhou durante o governo ditatorial. Colocando nomes verídicos e sua versão dos fatos, o entrevistado relembra situações, torturas e mortes de presos políticos, dentre eles, a irmã do narrador-personagem-autor: “[...], mas o que eu gravei mais forte foi o casal da professora de química que está sendo falada e o marido.” (KUCINSKI, 2016, p.79). Kucinski (2016) utiliza um pseudônimo para o ex-delegado, cujo nome verdadeiro é facilmente relacionado, tanto em razão da entrevista quanto da própria história conhecida popularmente.

Evocando memórias daquele período, o ex-militar contextualiza diversos momentos, desde o momento em que propõe a incineração de corpos mortos sob torturas até a revelação de nomes de pessoas por ele identificadas. O fim da entrevista corresponde também ao fim da narrativa: o narrador-personagem é impactado pela entrevista, consciente da autenticidade dos fatos relatados:

“Eu e minha ex sabíamos que era verdade. Sempre sabemos.” (KUCINSKI, 2016, p.83). No próximo capítulo teceremos comentários gerais sobre a discussão proposta até o momento, percorrendo a pesquisa e identificando os objetivos alcançados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discussão teórica e análise das obras *K.- relato de uma busca* e *Os visitantes*, a síntese da pesquisa se faz necessária para o bom entendimento geral dos capítulos do estudo e dos objetivos atingidos. Dessa forma, esse capítulo visa uma síntese do que até o momento fora abordado. Na introdução foi contextualizada as motivações para a realização da pesquisa, o contexto histórico presente na primeira obra *K.- relato de uma busca*, nesse caso, o Brasil se encontrava sob o regime ditatorial e a segunda obra analisada, *Os visitantes*, em que ocorre uma aproximação com *K.* A ficcionalidade apresentada nas duas narrativas contrasta com a livre inspiração em situações reais: o jornalista Bernardo Kucinski (1937), depois de longo período dedicado ao jornalismo, transita pela literatura e, para sua estreia no mundo literário, resolve guiar-se usando fatos acontecidos em sua vida: o desaparecimento da sua irmã, Ana Rosa Kucinski, acontecido durante luta contra o governo instalado em nosso país durante a década de 60-70.

As narrativas foram escolhidas para o estudo a partir de pesquisa a respeito de obras que tinham como foco principal o período ditatorial brasileiro. Após a seleção, deu-se início a leitura e levantamento de informações acerca do que já se havia sido trabalho como *K.-relato de uma busca*, o primeiro romance eleito para análise. O objetivo principal do trabalho consistiu em mostrar de que forma foi elaborada a autoficção em *K.* e em *Os visitantes* assim como a construção da memória nas narrativas selecionadas.

A dissertação, dessa forma, foi dividida em três capítulos assim percorridos: no primeiro a recepção do autor e de sua obra serviram como referência para o conhecimento não só da sua biografia, como também sua atuação percorrida no jornalismo brasileiro. Com a carreira consolidada como jornalista, Kucinski já havia escrito diversas obras com variadas abordagens referentes ao setor que por muito tempo atuou, envolvendo entre outros aspectos a política e a economia brasileira. Em 2011 decidiu escrever sua primeira narrativa ficcional: no decorrer do capítulo, percebemos que o desaparecimento da irmã gerou um trauma nunca superado pelo autor, acabando por surgir no mesmo o desejo de colocar na escrita essa parte de



sua vida, marcada pela violência, muitas vezes velada e disfarçada que ocorria durante o governo militar brasileiro, em que os contrários ao regime eram impedidos, inclusive por lei, de se demonstrarem descontentes com o que se impunha na época.

Logo após lançar-se na ficção, Kucinski dá início a outras produções textuais, dedicando-se de vez à literatura: em 2014 escreve *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014) e em 2016 publica *Os visitantes*, a segunda obra relacionada na análise de nossa pesquisa. Ademais, são apresentadas opiniões críticas acerca de *K.-relato de uma busca*, isso fez-se necessário em função de ser uma narrativa de estrutura diferente do que o autor estava acostumado: a rigidez e objetividade dos textos jornalísticos substituídos pela subjetividade e maleabilidade permitidos num texto literário. Feitas as considerações a respeito do *relato* também é colocada referência breve a *Os visitantes*; com o próprio Kucinski (2016) desenvolvendo um paralelo entre as duas narrativas, conectadas por uma espécie de continuidade entre uma e outra (apesar de poderem ser lidas de forma independente).

O subcapítulo seguinte traz a recepção crítica de *relato de uma busca*, para isso, são discorridas pesquisas que haviam sido realizadas até o momento do presente estudo, além disso, opiniões fundamentadas por críticos de renomes foram expostas a fim de se fazer uma visita à obra inaugural de Kucinski (2016) no mundo ficcional. Aspectos como o luto, a culpa, o trauma, o testemunho e a violência na obra de Kucinski foram trabalhados, alguns colocando *K.* como corpus único e outros colocando mais uma obra de temática semelhante para análise. Nessa parte, ainda não tinha sido realizado pesquisas que tivessem *Os visitantes* como objeto de estudo, talvez pela recente publicação da obra assim que foi selecionada para análise conjunta a *K.*, dessa forma, não houve apresentação de trabalhos com essa obra.

Em seguida, no segundo capítulo, foi desenvolvido o aporte teórico de primordial importância para relacionar os objetivos que propusemos e para a posterior análise no terceiro capítulo. Primeiramente, teorizamos sobre a autoficção, seu surgimento e estudos voltados para a área. A partir das proposições de autores como Alberca (2006), Klinger (2006), Costa (2013) e

Faedrich (2014) apoiados inicialmente por Doubrovsky (2011) e Lejeune (2008) identificamos que a autoficção se vale de situações de vida reais para constituir uma narrativa ficcional, ou seja, parte da biografia do autor ou de alguém próximo são tomados como inspiração para o texto literário a ser escrito, havendo também uma hegemonia onomástica entre autor, e narrador e personagem do enredo tratado. Tais aspectos desse gênero, evidenciados em *K.-relato de uma busca* e em *Os visitantes*, confirmam a hipótese de que ambos são narrativas autoficcionais, pois além de Kucinski (2011;2016) usar de acontecimentos de sua vida para construir a ficção, em *Os visitantes* podemos observar a igualdade de identidade entre o narrador, o personagem e o escritor de *K.* atendendo assim, à características recorrente nas autoficção.

No subcapítulo *O testemunho na literatura* é abordado o gênero testemunhal na literatura, assim como ocorrido na *shoah*, os eventos catástrofes refletiram situações de trauma em que vivenciou e sobreviveu a esses eventos. Durante o regime ditatorial brasileiro, além das torturas, mortes e desaparecimentos dos contrários ao governo, o impedimento de exercer alguns dos direitos fundamentais ao ser humano provocou nos sobreviventes a necessidade de falar sobre aquilo que lhes atingiu, ou a pessoas próximas. Kucinski (1937) através de *relato de uma busca* e *Os visitantes* narrou a busca de um pai pela filha desaparecida durante o período em que o poder militar dirigiu o país. A história, compatível com sua própria biografia, foi registrada em narrativas de forma ficcional, diferente da maioria dos textos testemunhais, assumidamente autobiográficos. Porém a possibilidade de registrar o que supostamente se passou com sua irmã deu a chance de dar voz a vozes silenciadas em meio à luta pela democracia. Nesse subcapítulo nos apoiamos em Seligmann (1998,2002), De Marco (2004), Nestrovski (2004) e Klein (2010), autores que versam sobre o teor testemunhal de obras como as narrativas de Kucinski (2011; 2016)

Em *memória na história-caminhos cruzados* expusemos a relação entre a história e memória na formação identitária de um povo. Sabemos que é através da memória, repassada por gerações, que temos oportunidade de conhecer a história daqueles que vieram antes de nós, e é pela história (mesmo que essencialmente, a oficial) que podemos ter conhecimento de fatos

marcantes nas sociedades, antigas e contemporâneas. Diante disso, é primordial relacionarmos essas duas vertentes e a forma como foram elaboradas nas narrativas estudadas. A memória funciona não só como lembranças de um passado doloroso como também meio de recordação de momentos felizes: em *K.- relato de uma busca* o pai, depois de atualizado do desaparecimento da filha, reconstitui seus passos, o que o faz recordar de situações passadas despercebidas e que, talvez, contribuíram para a morte da filha. Já em *Os visitantes* o narrador-personagem é colocado frente a frente com a história de sua própria vida, narrada de forma escrita, assim como também é exposto a críticas e recriminações de modo a rever a trajetória que o levou ao confronto com seus personagens e consigo. Nessa subseção, utilizamos a teoria de Le Goff (1990), Halbwachs (1990) Ricoeur (2003; 2005) e Pirolli (2016) para fundamentar a discussão anterior.

Em seguida, o subcapítulo *Trauma e dor X lembranças dolorosas* remetem a aspectos presentes em *K.-relato de uma busca* e em *Os visitantes*, a morte, mesmo sendo evento certo na vida de todos nós, suscita dúvidas em relação ao destino e a futuro de quem aqui permanece. O luto, natural e esperado de quem perde o ente querido é, após um bom tempo, substituído pelas lembranças e pela saudade, irremediavelmente permanentes. O desaparecimento de alguém que nunca mais foi visto por familiares próximos é capaz de impactar de forma insuperável a quem, pelo menos, desejava o ritual de despedida comum na situação de morte. Um desaparecimento impõe uma eterna esperança de reencontro, que provavelmente nunca ocorrerá. Assim sendo, a procura da filha desaparecida pelo pai judeu coloca, em *K.* a expectativa cruel de encontrar a filha com vida. Na pior das hipóteses, o corpo da filha significaria o fim da esperança e angústia, mas também a plenitude de um luto. As lembranças amarguradas de abdições familiares em favor das profissionais consomem o pai em *relato de uma busca* e o filho/irmão, que em uma autocrítica se martiriza por manter-se afastado durante o período em que ocorrera o desaparecimento da irmã. Para contextualizar teoricamente tais situações, recorreremos ao que Freud (2011) Dalcastagnè (1996), Seligmann (2002), Pellegrini (2005), Schøllhammer (2000) e Ginzburg (2012) preconizam

em seus estudos, corroborando para mostrar de fato, como ocorre a elaboração da dor e do luto nas obras pesquisadas.

No terceiro e último capítulo, desenvolvemos a análise, apoiado nos teóricos elencados, dos aspectos propostos em *K.-relato de uma busca* e em *Os visitantes*, assim comprovando as hipóteses levantadas e questionamentos sugeridos na introdução dessa pesquisa. Não tendo a pretensão de dar a temática sobre autoficção e memória finalizados, nosso estudo pretende fomentar novas discussões acerca da diferente maneira de escrever ficção e relembrar a história daqueles que morreram buscando um país democrático e livre do autoritarismo que impedia a expressão de cada um ser quem é e expressar-se sem receios de punição pela contrariedade. Obviamente, mesmo se vivendo de forma diferente desse contexto, relembrar a construção histórica de nosso país também serve como meio de relembrar constantemente o que não deve ser esquecido, uma repetição cruel e dolorosa de nossa história que não deve ser deixada na obscuridade, com riscos improváveis, mas capazes de um dia ainda voltar a acontecer.

## REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manuel. ¿Existe la autoficción hispano-americana? **Cuadernos del Cilha**, 2006, 13 p.

ALVES, Martinho. Cinema como resiliência, Shoah, de Claude Lanzmann. In: Revista Digital de Cinema Documentário. Doc. n.09, Universidade Estadual de Campinas:2010. Online. Disponível em: <[www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt)>. Acesso em: 10 nov.2016.

ANTONIOELLI, Katia Maria Amorim Brandão. **Um olhar comparativo entre as ditaduras brasileira e argentina através dos livros El Fin de La Historia e K.-Relato De Uma busca**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

BARTHES, Roland. Texto publicado em: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Acesso em: 17 jan.2018. Disponível em:<[www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica.../A\\_morte\\_do\\_autor\\_barthes.pdf](http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica.../A_morte_do_autor_barthes.pdf) >. Acesso em: 17 jan.2018.

BIOGRAFIA DO AUTOR. Disponível em: <<http://kucinski.com.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

CASTELLO, José. José Castello relê 'Feliz ano novo', de Rubem Fonseca, censurado em 76. **O Globo**. Cultura. 22 mar.2014. n.p. Disponível em:< /<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/jose-castello-rele-feliz-ano-novo-de-rubem-fonseca-censurado-em-76-528432.html> >. Acesso em: 22 fev.2018.

COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. Direito à memória e à verdade. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.500p.

COSTA, Margareth Torres de Alencar. **Sóror Juana Inés de La Cruz: autobiografia e recepção**. 2013. 256 f. Tese(Doutorado em Teoria Literária). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

COZER, Raquel. Jornalista Bernardo Kucinski publica contos sobre a repressão na ditadura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 fev. Ilustrada. 2014. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1412462-jornalista-ber>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

CRUZ, Lua Gill da. **(Sobre) viver: o luta, a culpa e a narrativa na literatura pós-ditatorial**. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos das Linguagens, Universidade de Campinas, São Paulo, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora UnB, 1996.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autofições: do conceito à prática na literatura brasileira contemporânea**.2014. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS, Porto Alegre, 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. São Paulo: Autores associados, 2012.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e Trauma na escrita de testemunhos**. In: Crítica em Tempos de Violência. Tese de livre docência. São Paulo: 2010.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Edições Vértice,1990.

(sem autoria). 'Os Visitantes', de Bernardo Kucinski, faz acerto de conta com a novela "K". **Istoé**. 14. jul. 2016. Disponível em: <<http://istoe.com.br/os-visitantes-de-bernardo-kucinski-faz-acerto-de-contas-com-a-novela-k/>>. Acesso em: 13 ago.2017.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LESSA, Renato. A experiência de K. in: **K. relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify,2014. 292 p.

LUCCHESI, Alexandre. Mundo Livro: "Os Visitantes", de Bernardo Kucinski, e mais novidades da literatura. *Zero Hora*. ZH Livros. 22 jul.2016. Disponível em:< <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/livros/noticia/2016/07/mundo-livro-os-visitantes-de-bernando-kucinski-e-mais-novidades-da-literatura-6771031.html>>. Acesso em: 10 ago.2017.

KLEIN, Kelvin Falcão. O testemunho e a literatura. **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.321, jul. 2010.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro:autoficção e etnografia na narrativa latino-americano contemporânea**. 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto das Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.,2006.

KUCINSKI, Bernardo. **K.-relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, 192 p.

\_\_\_\_\_. Bernardo Kucinski e a culpa dos que sobreviveram. [8.out.2016]. Entrevista concedida a Tainã Mansani. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/bernardo-kucinski-e-a-culpa-dos-que-sobreviveram/a-17131513>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Ivone Benedetti e Bernardo Kucinski ambientam histórias na ditadura: novos livros os anos de chumbo entre a ficção e a dura realidade. [17 jul.2016]. **O Globo**. Cultura. Entrevista concedida a Leonardo Cazes.

\_\_\_\_\_. **Os Visitantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.88p.

ITAQUY, Gabriela Weber. **Vidas silenciadas pela ditadura civil-militar brasileira: o traumático e a potência da escrita**. 2105. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Feral do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova**, nº 62, p.45-68, 2004.

MILGRAM, Avraham. **Livro sobre desaparecida política revela ao mundo Brasil 'desconhecido'**. [7 jun. 2013]. Londres. Entrevista concedida a Mônica Vasconcelos.

MÜGGE, Ernani. K. – relato de uma busca: a ficção a serviço da revisão da história nacional. **Signo**, Santa Cruz do Sul, p. 95-104, mar. 2016. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7331>>. Acesso em: 03 nov. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.17058/signo.v1i1.7331>

NESTROVSKI, Arthur. **Shoah: catástrofe e representação**. Gragoatá. Niterói, n.16, p.51-68, 1.sem. 2004

NITSCHKE, Reiner. *Livro sobre desaparecida política revela ao mundo Brasil 'desconhecido'*. [7 jun. 2013]. Londres. Entrevista concedida a Mônica Vasconcelos.

PAYNE, Leigh. *Livro sobre desaparecida política revela ao mundo Brasil 'desconhecido'*. [7 jun. 2013]. Londres. Entrevista concedida a Mônica Vasconcelos.

PELLEGRINI, Tânia. **As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea**. *Crítica Marxista* 2005, 132-153, 0. 29\*

PIROLLI, Rosalia Rita Evaldt. (2014). Abusos de memória em K. - Relato de uma busca. *Travessias interativas*, vol. 8, n.2, p. 1-17. Disponível em: <[http://www.travessiasinterativas.com/\\_notes/vol8/rosalia.pdf](http://www.travessiasinterativas.com/_notes/vol8/rosalia.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. 1989.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. 1992. Paulo: Ática, 1992.

REIS, Murilo. K-relato de uma busca. **Homo Literatus**. 3 jan.2015. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/k-relato-de-uma-busca/>>. Acesso em: 3 de nov. de 2016.

RICOEUR, Paul. **Memória, História, Esquecimento**. Conferência: Budapeste: 2003.

\_\_\_\_\_. **O bom uso das feridas da memória**. In: Les résistances sur le Plateau Vivarais-Lignon (1938-1945): Témoins, témoignages et lieux de mémoires. Les oubliés de l'histoire parle. Edition du Roure, 2005. Tradução [anônima] disponível em. Acesso em: 16 de jul. 2017

SAÇÇO, Roberta Cristina de Oliveira. **Narrativa de dor: entre o silêncio e a representação**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SELIGMANN, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **LETRAS- Revista do Mestrado em Letras da UFSM**. (RS) janeiro/junho/1998.

\_\_\_\_\_. Literatura e Trauma. **Pro-Posições** – vol.13, N.3 (39) -set/dez.2002.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psi. Clin**, Rio de Janeiro, Vol.20, N.1, p.65-82,2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

TARDIVO, Murilo. Em “Os Visitantes”, Bernardo Kucinski retorna os eventos trabalhados em “K”. Disponível em:< <https://revistacult.uol.com.br/home/com-a-novela-os-visitantes-bernardo-kucinski-retoma-inventivamente-alguns-dos-eventos-trabalhados-em-k/>> Acesso em: 13. ago.2017.

VASCONCELOS. Mônica. *Livro sobre desaparecida política revela ao mundo Brasil ‘desconhecido*. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130604\\_livro\\_bernardo\\_kucinski\\_mv](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130604_livro_bernardo_kucinski_mv)>.BBC: Londres: 7.jun. 2013. Acesso em: 3 de nov. de 2016.

WELLE, Deutsche. Livro de Bernardo Kucinski sobre a ditadura chama a atenção dos alemães. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/dw/2013/10/1353340-bernardo-kucinski-e-a-culpa-dos-que-sobreviveram.shtml>>. Acesso em: 3. De no. De 2016.